

UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
VICE-REITORIA ACADÊMICA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

JÚLIA DE FÁTIMA RIBEIRO GAMA

Concepções de Estética e Satisfação com a Imagem Corporal:
uma relação de gênero e nível de escolaridade

Rio de Janeiro
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JULIA DE FÁTIMA RIBEIRO GAMA

Concepções de Estética e Satisfação com a Imagem Corporal:
uma relação de gênero e nível de escolaridade

Dissertação apresentada à
Universidade Castelo Branco como
requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Ciência da Motricidade
Humana.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Luís de Souza Vargas

Rio de Janeiro
2009

JULIA DE FÁTIMA RIBEIRO GAMA

Concepções de Estética e Satisfação com a Imagem Corporal:
uma relação de gênero e nível de escolaridade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana na Universidade Castelo Branco, submetida à Banca Examinadora, como requisito para obtenção do título de mestre. Área: Estudos Filosóficos e Sociais da Motricidade Humana

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Angelo Luis de Souza Vargas
Presidente: Universidade Castelo Branco

Prof^a. Dr^a. Selma Regina de Souza Aragão Conceição

Prof^a. Dr^a. Riva Roitman

Rio de Janeiro
Dezembro de 2009

DEDICATÓRIA

Dedico este presente trabalho ao meu pai Joil Urbano Gama (*in memoriam*), que consagrou seu precioso tempo de vida a mostrar-me a importância de tornar-me um ser humano com senso de justiça o mais próximo do ideal possível.

A minha mãe, Suely Ribeiro Gama que, com sua fé inesgotável, compreende o significado do termo doação e suas aplicações em nosso dia-a-dia em família.

A meus filhos Mariana, Rodrigo e esposo Rodrigo Faria, razão da minha vida e felicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a energia e discernimento para ser coerente e firme em minhas escolhas, pois são elas que traduzem o que realmente somos.

Aos meus queridos amigos, Guilherme Gomes Cortes e Valéria Gomes Cortes, pela força e incentivo para continuar na luta.

A meu amigo André Gonçalves Dias e Wellington da Silva Venâncio pelo carinho, bom humor e amizade que torna nossos dias de estudos e trabalho mais amenos.

À coordenação de Educação Física em nome do Professor Jacy Moreira Sales pela compreensão e ajustes em minha carga horária de trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Angelo Luis de Souza Vargas, pela atenção a mim dispensada e por acreditar em meu potencial de trabalho.

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento. (Clarice Lispector)

RESUMO

Baseado no fato de que as concepções de estética e a insatisfação com a imagem corporal são elementos que interferem no desenvolvimento do ser humano, este estudo tem como objetivo levantar indicadores que possibilitem identificar os níveis de satisfação da imagem corporal e as respectivas concepções estéticas de estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense conforme os níveis de escolaridade. Como instrumentos foram utilizados o Body Shape Questionnaire (BSQ), adaptado e validado por Di Pietro et al. (2001) para avaliar os níveis de insatisfação com a imagem corporal, e o teste de Escala de Desenhos de Silhuetas (Nine-Figure Outline Scale; Stunkard, Sorensen & Schulsinger, 1983), com a finalidade de avaliar a percepção de tamanho e forma corporal. A análise estatística foi feita de forma descritiva e inferencial (ANOVA). Conclui-se que independente do nível de escolaridade e sócio-econômico a análise descritiva do BSQ aponta para a ausência de insatisfação com a imagem corporal, entretanto, quando se aplica a estatística ANOVA de fator único, verifica-se um aumento gradativo nessa preocupação à medida que evolui o nível de escolaridade. Quanto ao teste de silhuetas, as mulheres com exceção do Ensino Médio, todas apresentam um padrão de estética estereotipado e insatisfação com a imagem corporal. O gênero masculino apresenta um padrão estereotipado, todavia encontram-se satisfeitos com a imagem corporal atual.

Palavras-chave: Imagem corporal, corporeidade, estética.

ABSTRACT

Based on the fact that the notions of aesthetics and dissatisfaction with body image are elements involved in the development of human beings, this research aims to raise indicators that help to identify the levels of satisfaction of body image and the aesthetic conceptions of students from Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense as the levels of schooling. As instruments were used the Body Shape Questionnaire (BSQ), adapted and validated by Di Pietro et al. (2001) to assess the levels of dissatisfaction with body image, and the Test Scale Drawings of Silhouettes (Nine-Figure Outline Scale; Stunkard, Sorensen & Schulsinger, 1983), to evaluate the perception of body size and shape. The statistical analysis was done on a descriptive and inferential way (ANOVA). It follows that regardless of the level of education and socioeconomic status the descriptive analysis BSQ points to no level of dissatisfaction with body image, however when applying the statistical ANOVA single factor there is a gradual increase in concern that the measure reflects changes in level of schooling. About the profiles test, all women, excepted in High School, have a stereotyped pattern of aesthetics and dissatisfaction with body image. All males present a standard stereotyped, but they are satisfied with the current body image. Keywords: Body image, body, aesthetics.

LISTA DE FIGURAS

I	Resultado do teste de silhuetas feminino (EM)	58
II	Resultado do teste de silhuetas masculino (ES)	59
III	Resultado do socioeconômico (EM)	60
IV	Resultado do teste de silhuetas feminino (ES)	60
V	Resultado do teste de silhuetas masculino (ES)	61
VI	Resultado do socioeconômico (ES)	62
VII	Resultado do teste de silhuetas feminino (PG)	63
VIII	Resultado do teste de silhuetas masculino (PG)	64
IX	Resultado do socioeconômico (PG)	65
X	Resultado do teste de silhuetas (EJA)	66
XI	Resultado do socioeconômico (EJA)	67

LISTA DE TABELAS

I	Análise descritiva do BSQ.....	53
II	Análise descritiva do BSQ.....	53
III	Análise descritiva do BSQ.....	53
IV	Análise descritiva do BSQ.....	54
V	Anova feminino.....	54
VI	Anova masculino.....	55
VII	Teste de silhuetas feminino (EM).....	57
VIII	Teste de silhuetas masculino (EM).....	58
IX	Socioeconômico (EM).....	59
X	Teste de silhuetas feminino (ES).....	60
XI	Teste de silhuetas masculino (ES).....	61
XII	Socioeconômico (ES).....	62
XIII	Teste de silhuetas feminino (PG).....	62
XIV	Teste de silhuetas masculino (PG).....	63
XV	Socioeconômico (PG).....	64
XVI	Teste de silhuetas masculino (EJA).....	65
XVII	Socioeconômico (EJA).....	66

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	O PROBLEMA.....	11
1.2	OBJETIVOS.....	13
1.2.1	Gerais	13
1.2.2	Específicos	13
1.3	VARIÁVEIS INDEPENDENTES.....	13
1.3.1	Variável dependente	13
1.3.2	Variáveis intervenientes (limitações)	13
1.4	HIPÓTESES.....	14
1.5	JUSTIFICATIVA.....	15
1.6	RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	16
1.7	DEFINIÇÃO DE TERMOS.....	16
1.7.1	Imagem corporal	16
1.7.2	Estética	17
1.7.3	Corporeidade	17
2	REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1	JUVENTUDE E IMAGEM CORPORAL.....	18
2.2	CORPOREIDADE E CONCEPÇÕES DE ESTÉTICA.....	23
2.3	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E INTERVENÇÃO.....	32
3	METODOLOGIA	46
3.1	TIPOLOGIA E DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	46
3.2	UNIVERSO, AMOSTRAGEM E AMOSTRA.....	46
3.2.1	Universo	46
3.2.2	Amostragem	46
3.2.2.1	Critério de inclusão e exclusão.....	47
3.2.3	Amostra	47
3.3	ÉTICA DA PESQUISA.....	47
3.4	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	48
3.4.1	Procedimentos preliminares	48
3.4.2	Avaliação diagnóstica	48
3.4.3	Avaliação de variável insatisfação com a imagem corporal	48

3.5	PROCOLOS UTILIZADOS.....	49
3.5.1	Procedimentos preliminares.....	49
3.5.2	Avaliação diagnóstica.....	49
3.5.3	Avaliação da variável insatisfação da imagem corporal.....	49
3.5.4	Avaliação da variável concepção de estética.....	50
3.5.5	Questionário de avaliação socioeconômica.....	50
3.6	LIMITAÇÃO E MÉTODOS.....	51
3.7	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	51
3.7.1	Estatística descritiva.....	51
3.7.2	Estatística inferencial.....	51
3.7.3	Nível de significância e potência do experimento.....	52
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	53
4.1	CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA.....	53
4.2	RESULTADO DOS TESTES.....	53
4.2.1	Avaliação “BSQ” nos grupos, ensino médio, ensino superior, pós-graduação e ensino médio técnico na modalidade de jovens e adultos (EJA).....	53
4.2.2	Discussão do teste “BSQ” nos grupos, ensino médio, ensino superior, pós-graduação <i>lato sensu</i> e ensino médio técnico na modalidade de jovens e adultos (EJA).....	56
4.2.3	Avaliação do teste de nove silhuetas nos grupos, ensino médio, ensino superior, pós-graduação e EJA.....	58
4.2.4	Discussão do teste de nove silhuetas nos grupos ensino médio, ensino superior, pós-graduação e EJA.....	68
5	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	72
5.1	CONCLUSÕES.....	72
5.2	RECOMENDAÇÕES.....	72
	REFERÊNCIAS.....	74
	ANEXOS.....	82
	ANEXO A - Ficha cadastral.....	83
	ANEXO B - Termo de consentimento.....	84
	ANEXO C - Questionário Sobre A Imagem Corporal.....	86
	ANEXO D - Questionário Escala de desenhos de silhuetas.....	89
	ANEXO E - Questionário de nível socioeconômico.....	90
	ANEXO F - Termo de Informação à Instituição.....	91
	ANEXO G - Resolução 196/96 - Conselho Nacional de Saúde de 10/10/1996.....	94

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA

A preocupação com a estética e a satisfação com a imagem do corpo são fatores que permeiam a história dos seres humanos através dos tempos. Percebe-se a valorização de um determinado estereótipo de corpo perfeito, que é perseguido pelos indivíduos de classes sociais diferentes, níveis intelectuais diversos e de gêneros distintos.

Assim, as imagens padronizadas de beleza orientam o sujeito no sentido de desejar um corpo moldado pela atividade física, cirurgia plástica e tecnologia estética (RUSSO, 2005).

Estudo transversal realizado em escolares de 8 a 11 anos na rede pública e privada de Porto Alegre (RS), entre agosto e dezembro de 2001, aponta para a prevalência de 82% de insatisfação com a imagem corporal entre as meninas e 43% em meninos e, especialmente, naqueles com autoestima baixa e que pensavam nos desejos de pais e amigos que os queriam mais magros (PINHEIRO e GIUGLIANI, 2006).

Tal situação também se revela em sujeitos praticantes de caminhada em que homens querem ter um corpo mais forte, volumoso e com baixo percentual de gordura, enquanto as mulheres desejam um corpo mais magro e menos volumoso. Como poucos indivíduos possuem corpos com tais dimensões, a maior parte dos sujeitos encontra-se insatisfeita com sua imagem corporal (DAMASCENO, LIMA, VIANNA e NOVAES, 2005).

Analisados os dois recortes acima, vemos que indivíduos, independentemente de sua faixa etária, demonstram-se insatisfeitos com sua própria imagem, podendo tal fato ser fruto da falta de informação ou inadequação no questionamento.

Os níveis de insatisfação com a imagem corporal, certamente, estão relacionados aos modelos de beleza expostos pela mídia. A busca do corpo “sarado” transforma-se em compulsão, na busca de uma anatomia ideal (LABRE, 2002).

Diversos fatores influenciam na formação da imagem corporal: sexo, idade, meios de comunicação, relação do corpo com processos cognitivos tais como crenças, valores e atitudes (BANFIELD; McCABE, 2002; DAMASCENO, 2004; RICCIARDELLI; McCABE; BANFIELD, 2000).

Em duas pesquisas com estudantes de Educação Física e Nutrição, a realidade encontrada não difere dos estudos referidos anteriormente em crianças e praticantes de caminhada. No interior de São Paulo, num total de 102 estudantes, sendo 55 do sexo masculino e 47 do feminino, com média de idade entre 18 e 32 anos, as pesquisas demonstram a existência de diferenças em relação ao gênero, identificando no sexo feminino uma visão distorcida em relação ao próprio corpo, o que aumenta significativamente o medo de ganhar peso, reforçando comportamentos de exclusão social como abster-se de ir à praia com roupas de banho e frequentar lugares públicos por não usar certas roupas (RUSSO, 2005).

Resultados encontrados evidenciam que esse fenômeno ocorre igualmente em estudantes universitárias do curso de nutrição, onde o ideal de corpo magro imposto pela sociedade prevalece, assim como o desejo de alterar sua composição corporal para se adequar às exigências sociais (BOSI, LUIZ, MORGADO, COSTA e CARVALHO, 2006).

Esses dados tornam-se ainda mais relevantes tratando-se de profissionais que deveriam estar em contínua troca de conhecimento a respeito de assuntos relativos à corporeidade, já que serão responsáveis diretos no manejo de quadros que necessitem de intervenção.

Assim, percebe-se que nos diversos níveis de escolaridade existe a necessidade de se discutir as questões relativas ao autoconceito e suas interfaces com as concepções de beleza e saúde.

O presente estudo tem como proposta apresentar mais informações acerca deste importante tema, com o objetivo de fornecer subsídios teóricos para

compreender quais são as concepções de corpo de homens e mulheres, e se essas concepções sofrem modificação à medida que os sujeitos atingem níveis mais altos no processo de escolarização. Em complemento, será analisada a satisfação com a própria imagem, colaborando assim com o arcabouço teórico que possibilitará futuras intervenções, no que diz respeito à corporeidade, através da Educação Física Escolar.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Levantar indicadores que possibilitem identificar os níveis de satisfação da imagem corporal e compará-los às concepções de estética de estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, relacionando-as com níveis de escolaridade, socioeconômico e gênero.

1.2.2 Específicos

- Avaliar os níveis de satisfação com a imagem corporal dos sujeitos.
- Identificar as concepções de estética dos sujeitos.
- Correlacionar a satisfação com a imagem corporal com as concepções de estética, gênero, níveis de escolaridade e socioeconômico dos sujeitos.

1.3 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

As variáveis independentes do estudo são os níveis de escolaridade e socioeconômico, mais as concepções de estética e gênero dos indivíduos.

1.3.1 Variável dependente

A variável dependente a ser mensurada é o nível de insatisfação com a imagem corporal percebida pelos participantes da amostra atual.

1.3.2 Variáveis intervenientes (limitações)

Serão consideradas variáveis intervenientes aquelas que poderão interferir nos resultados e não puderem ser satisfatoriamente controladas. São as seguintes:

1. Motivação e sinceridade dos participantes ao responder o questionário.
2. Considerando-se a imagem corporal um constructo multidimensional e subjetivo, deve-se reiterar a influência das relações familiares, da mídia, dos aspectos culturais, assim como a incidência de doenças como anorexia, bulimia.

1.4 HIPÓTESES

No presente estudo, serão apresentadas as hipóteses positivas e negativas. O estudo em questão pressupõe que a imagem corporal entre as diferentes faixas etárias apresentará resultados distintos em função da escolaridade, do padrão socioeconômico e gênero.

H1: Haverá relação da percepção padronizada de estética com os níveis de insatisfação com a imagem corporal dos sujeitos da pesquisa.

H0: Não haverá quaisquer relações entre a percepção de estética com os níveis de insatisfação com a imagem corporal dos sujeitos da pesquisa

H2: Acredita-se que haverá diferenças significativas quando relacionadas à insatisfação com a imagem corporal e o gênero, uma vez que as expectativas sociais são diferentes para ambos.

H0: Não haverá quaisquer relações entre a insatisfação com a imagem corporal e os gêneros.

H3: Haverá uma relação significativa entre os níveis de insatisfação com a imagem corporal e os níveis de escolaridade.

H0: Não haverá quaisquer relações entre os níveis de insatisfação com a imagem corporal e os níveis de escolaridade

H4: Haverá relação entre os níveis de insatisfação com a imagem corporal e o socioeconômico dos sujeitos testados.

H0: Não haverá quaisquer relações entre os níveis de insatisfação com a imagem corporal e o socioeconômico dos sujeitos testados.

1.5 JUSTIFICATIVA

O autoconhecimento e o autoconceito são determinantes para a formação do sujeito, sendo função da escola contribuir para a construção de um cidadão autônomo nas ações e práticas sociais, além de produtores e portadores de idéias, e protagonistas da ação pedagógica, inventando-se a si mesmos nas relações estabelecidas e constituindo-se sujeitos na reapropriação de saberes (FOUCAULT, 1999, *apud* OLIVEIRA, 2003).

Os profissionais de Educação Física, tendo em vista os novos caminhos pelos quais a sociedade avança e conceitua a corporeidade, necessitam reconhecer o novo paradigma, com vistas de prover posicionamento crítico em relação aos novos padrões.

Abordar tais questões significa, dentro e fora da escola, adotar posicionamentos que questionem imposições que determinem padrões rígidos de beleza que ocasionem cada vez mais a insatisfação com o próprio corpo.

A mídia certamente influencia os aspectos psicológicos dos indivíduos, inserindo de forma maciça, através dos meios de comunicação, padrões de saúde, beleza e qualidade de vida, impulsionando o culto a um modelo de corpo "sadio e belo" e relacionando-o com a felicidade e realização (VIEIRA, 2004).

Segundo Costa (1997), o aspecto proposto pela promoção de saúde na escola objetiva tornar o discente autônomo, processo pelo qual esse se torna sujeito diante do conhecimento, podendo, portanto, produzir respostas diferentes para as diversas questões que lhe são apresentadas.

A educação física escolar distancia-se de discussões a respeito da corporeidade quando perpetua o foco unicamente em práticas desportivas e objetivos tecnicistas. Propor uma intervenção, neste sentido, significa num primeiro momento identificar a real relação entre os conceitos de beleza e a satisfação com a

própria imagem com o passar do tempo. Compreendendo tal relação, tornam-se relevantes as intervenções necessárias, visto que a implementação de tais ações devem fazer parte dos objetivos de profissionais da área de Motricidade Humana. Considerando-se, portanto, que pesquisas que tenham relação direta com esse enfoque são bastante esparsas, justificam-se tais intervenções e investigações.

1.6 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Espera-se que a proposta que norteia este estudo possa contribuir, de forma relevante, com informações a respeito das concepções de estética e suas relações com a imagem corporal, a fim de compreender como o processo de escolarização colabora para mediar essas mesmas relações.

Outrossim, espera-se também que esse estudo proporcione ao profissional de Educação Física o aporte teórico com subsídios importantes acerca das possibilidades de intervenção no referido tema, possibilitando-lhe a construção de novos paradigmas metodológicos de orientação de conteúdos significativos nas aulas de Educação Física Escolar.

Para Freire (2000, p. 67), “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

1.7 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Serão definidos alguns termos, de acordo com a necessidade para um bom entendimento do estudo.

1.7.1 Imagem corporal

São sentimentos e atitudes que uma pessoa tem em relação ao seu próprio corpo (BARBANTI, 2003). A imagem corporal é uma entidade que engloba as formas pelas quais as pessoas experimentam e conceituam seu próprio corpo (TAVARES, 2003).

1.7.2 Estética

A palavra estética só foi introduzida em 1750 no vocabulário filosófico pelo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten quando publicou uma obra (Estética) onde procurava analisar a formação do gosto. A reflexão sistemática na filosofia, sobre a beleza e a arte são, todavia, muito mais antiga e remonta pelo menos à antiguidade clássica. Na antiga Grécia a reflexão estética estava centrada sobre as manifestações do belo natural e o belo artístico. Para Pitágoras o belo consiste na combinação harmoniosa de elementos variados e discordantes. Platão afirma que a beleza de algo, não passa de uma cópia da verdadeira beleza que não pertence a este mundo. Aristóteles defende que o belo é uma criação humana, e resulta de um perfeito equilíbrio de uma série de elementos. Na Idade Média identifica-se a beleza com Deus, sendo as coisas belas feitas à sua imagem e por sua inspiração. Entre os séculos XVI e XVIII predomina uma estética de inspiração aristotélica: a beleza é associada à perfeição conseguida por uma sábia aplicação das regras da criação artística. As academias, a partir do século XVII, garantirão a correta aplicação dos cânones artísticos. Kant atribuirá ao sentimento estético as qualidades de desinteresse e de universalidade. Foi o primeiro a definir o conceito de belo e do sentimento que ele provoca. Hegel verá no belo uma encarnação da Ideia, expressa não num conceito, mas numa forma sensível, adequada a esta criação do espírito.

1.7.3 Corporeidade

Manuel Sérgio (1989) define corporeidade como a significação e a presença participativa no mundo de onde surge a motricidade que justifica sua razão de vida de “projeto” e onde a conduta motora representa um sentido através do corpo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 JUVENTUDE E IMAGEM CORPORAL

Diante de retrospectiva histórica analisada por Goman (1965, *apud* BARROS, 2005), a conceituação de imagem corporal se deu através dos estudos de um médico-cirurgião francês, Ambroise Paré, que identificou a existência do membro fantasma, que é a sensação de permanência de parte do corpo que por algum motivo não existe mais.

Contudo, a maior contribuição conceitual sobre imagem corporal originou-se dos estudos de Paul Schilder por desenvolver seus estudos em várias áreas científicas (Neurologia, Psiquiatria, Psicologia).

A imagem corporal não é só uma construção cognitiva, mas também um reflexo dos desejos, atitudes emocionais em interação com o outro, sofre interferência direta das emoções, além dos aspectos neurofisiológicos, e a vivência homem-mundo a coloca em interminável reconstrução, ou seja, evolui até a morte (BARROS, 2005).

Daí a importância de compreendê-la como fenômeno eminentemente social, “pois existe certamente um intercâmbio entre nossa própria imagem e a imagem corporal do outro” (SCHILDER, 1999).

A imagem mental se constrói a partir da integração de várias modalidades sensoriais e diversos processos psíquicos que estão continuamente em intercâmbio (TAVARES, 2003, p. 29), assim como de aspectos sociais e culturais, que são também determinantes em sua construção, evoluindo continuamente ao longo da vida.

Podemos compreender a imagem corporal como uma experiência subjetiva, que a partir de percepções, pensamentos e experiências, nos é evidenciada a partir do que as vivências relatam acerca de nós mesmos. Está sempre em processo de

reconstrução, sofrendo influências sociais e interferindo na visão de mundo e permeando o comportamento e as relações interpessoais (BARROS, 2005).

Construída e associada ao autoconceito e identidade, tem como fatores dependentes o desenvolvimento do sistema neurofisiológico, a percepção, as relações sociais e culturais, inclui “aspectos conscientes e inconscientes” e está vinculada à identidade e à experiência existencial de cada um, dinâmica como as relações com o mundo (TAVARES, 2003, p. 36).

Na adolescência, dadas as transformações fisiológicas e exigências do mundo de consumo, existe uma grande dificuldade em elaborar a autoimagem. As proporções corporais se modificam, sendo necessária uma readaptação, principalmente nas meninas. Com a chegada da menstruação, a redefinição de papéis é emergente, sofrendo uma desorganização de identidade (ABERASTURY, 1990).

Além de lidar com todas as modificações citadas anteriormente, a adolescente num mundo globalizado tem que lidar com as exigências de estereótipos corporais divulgados pelos meios de comunicação. O que já é uma dificuldade interna de se estabelecer uma autoimagem na passagem da vida infantil para a adolescência, torna-se um verdadeiro desafio diante das exigências sociais.

Esse momento de transição é evidenciado no que nos diz Calligaris (2000): “Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chegou, o espelho do adolescente é frequentemente vazio”.

As imagens que a mídia ressalta como corpo ideal, uma vez alcançadas por poucos, promovem sentimento de insatisfação, pois estão vinculados ao sucesso e à felicidade.

Sobre a interferência sociocultural, para Tavares (2003, p. 84):

A identidade do sujeito como “ser sensível”, fica mascarada e embora possa ter sucesso socialmente, a imagem que tem de si não reflete um mundo interno vinculado às suas vivências sensoriais, afastando-o de um contato consigo mesmo. Fica dependente do mundo externo para direcionar suas ações e percepções: estas passam a acompanhar

predominantemente esse comando externo, tendendo a um processo mais repetitivo vinculado às exigências externas.

Assim, devido aos excessos de preocupação com a aparência, à luta constante em obter uma imagem focada num modelo de “corpo ideal”, a jovem da sociedade contemporânea se expõe a distúrbios alimentares e depressão.

Estudos feitos por De Lucia (2001) com 580 adolescentes do sexo feminino demonstram que 80% delas não gostavam da própria aparência e 50% procuravam dietas por acharem estar fora do peso ideal (se achavam gordas). Uma das conclusões do estudo é que a procura pela dieta se dava em busca de um corpo ideal e não da atual forma física na qual se encontravam.

Campagna e Souza (2006) realizaram pesquisa em 20 jovens de 12 anos, pertencentes à classe média e média-alta, estudantes de escola particular de São Paulo, através de entrevista, desenho da figura humana, e concluíram que os grupos encontravam-se sob o impacto das transformações corporais em busca de adaptações e à procura de reorganizar sua identidade. A autoimagem apresentava características mais negativas, fruto da apreensão dessa imagem corporal em transformação. A insatisfação, insegurança e ansiedade em relação à aparência são apenas sugeridas nas entrevistas, porém reforçadas nos desenhos da figura humana.

No estado do Rio Grande do Sul, em uma escola pública, pesquisa realizada com mulheres jovens, discutiu alguns dos modos pelos quais elas se comportavam nos dias atuais em relação aos cuidados com o corpo, utilizando para tanto o método da análise do discurso. Foram examinados textos que resultaram da discussão de 18 jovens de 13 a 15 anos, alunas da 8ª série do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Diante da análise dos dados feita com essas jovens, percebeu-se que existe uma tênue confusão entre conceitos de saúde e cuidados com o corpo, com a obtenção de um corpo estereotipado pelos interesses consumistas e imediatistas e que principalmente as mulheres jovens se culpavam até pelo seu apetite, uma vez que a mulher gorda desrespeita esses mesmos padrões sociais (DAMICO, 2007).

Toda essa ansiedade e insegurança nasce da necessidade de aceitação do grupo social; caso essa não aconteça, poderá acarretar sentimentos de

inferioridade, baixa autoestima, tornando o corpo nesse momento um passaporte de aceitação para o grupo em questão (GOMES e CARAMASCHI, 2007).

Di Foggi (2006) afirma que o corpo esculpido é o principal investimento contemporâneo e que, para se incluir nas normas sociais vigentes e se aproximar do outro, é de fundamental importância estar dentro do modelo da época.

Essas regras são estabelecidas pelo grupo dependente do gênero e de fatores socioeconômicos. Estudos realizados em 180 adolescentes, 90 meninos e 90 meninas, com idade entre 15 e 17 anos e alunos do ensino médio de diferentes classes sociais, no que diz respeito a valores de beleza e de inteligência que adolescentes atribuem a si próprios e a seus possíveis parceiros, identificaram que rapazes de classe alta atribuíram-se maiores notas de inteligência. Adolescentes de ambos os sexos pertencentes à classe baixa preferem maior inteligência que a beleza. Enquanto os de classe alta preferem o equilíbrio entre beleza e inteligência em seus parceiros (GOMES e CARAMASCHI, 2007).

A beleza como referencial de felicidade, como fator de escolha entre parceiros, remete à imagem corporal uma responsabilidade de identificação do jovem com os grupos sociais.

Independente do estado nutricional, a percepção e a satisfação com o corpo diferem em adolescentes, como indica estudo de Branco, Hilário e Cintra (2006), relacionando estado nutricional com a percepção e satisfação com a imagem corporal em adolescentes de 14 a 19 anos. Na cidade de São Paulo, quanto ao estado nutricional, os desvios nutricionais foram mais percebidos no sexo masculino. Em relação à percepção de 348 adolescentes do sexo feminino em eutrofia, 152 (53%) se identificaram com excesso de peso, e das 42 que apresentavam sobrepeso, 20 (47,6%) se acharam obesas.

Já os meninos, dos 443 eutróficos, 85 (19,2%) se acharam em sobrepeso, 25 (26,3%) se consideraram eutróficos, dos 35 em obesidade, 15 (42,8%) se identificaram com as figuras de sobrepeso e apenas 1 em eutrofia.

Diante desses dados, percebem-se as influências e pressões sociais quanto à imagem corporal. As meninas, mesmo em peso ideal, se acreditaram em tamanhos e formas mais volumosos e fora de peso.

Quanto à satisfação com a imagem, as meninas estavam menos satisfeitas com seu corpo que os meninos. E quando se correlacionava satisfação com a

percepção, as meninas que se percebiam mais gordas eram as que apresentavam também maior grau de insatisfação com a imagem corporal.

De uma forma geral, como visto na pesquisa anterior, existe a tendência do sexo feminino em perceber-se com uma forma mais volumosa e desejar um corpo mais magro do que possui, independente de seu estado real. Fatores socioculturais que valorizam o corpo esbelto e esguio certamente enfatizam essa tendência.

A dissonância entre o desejo, no que se refere à forma e ao tamanho corporal, e a percepção do próprio corpo geram insatisfação, segundo ALMEIDA, SANTOS, PASIAN e LOUREIRO (2005).

Segundo Kakeshita e Almeida (2006), em estudo realizado em Ribeirão Preto, São Paulo, 106 estudantes universitário foram avaliados quanto à percepção da imagem corporal e ao índice de massa corpórea. Os resultados indicaram que a maioria das mulheres eutróficas ou com sobrepeso (87%) superestimaram seu tamanho corporal, enquanto mulheres obesas e homens (73%), independente do índice de massa corporal, subestimaram o tamanho do próprio corpo. A pesquisa revelou que tanto homens quanto mulheres tinham uma imagem corporal distorcida, sugerindo, portanto, insatisfação com a própria imagem e o desejo de ter um corpo mais magro.

Mesmo os atletas que se submetem a forte treinamento e têm um gasto calórico altíssimo não escapam a essa realidade. Os distúrbios de imagem corporal mostram-se relacionados aos transtornos alimentares em atletas e praticantes de atividade física. Estudo de revisão bibliográfica identifica-os como grupo de risco para transtornos como bulimia, anorexia e vigorexia, uma vez que deles é exigido - por patrocinadores, treinadores e até familiares - uma performance ideal para os atletas e um corpo perfeito para os praticantes de atividade física (COSTA, GUIDOTO, CAMARGO, UZUNIAN e VIEBIG, 2007).

Estudos anteriores já sinalizavam para essa realidade apontada. O ideal de corpo magro incentivado dentro do ambiente esportivo, cedendo a pressões sociais, pode gerar comportamento alimentar e imagem corporal desestruturados em atletas. Pesquisa feita com 12 meninas com BSQ demonstra que 33% das atletas apresentaram leve distorção da imagem corporal mesmo estando dentro de padrões ideais de gordura corporal (OLIVEIRA, BOSI, VIGÁRIO e VIEIRA, 2003).

Damasceno et al. (2005) lecionam que os principais motivos para que as pessoas iniciem programa de atividade física são a insatisfação com a imagem corporal e a alta valorização de se obter níveis de gordura corporal baixo.

Sendo a magreza e o corpo esbelto um indicativo de felicidade e prosperidade, tudo que se diferencia torna-se alvo de discriminação e a busca de uma mudança significativa na aparência física é motivada apenas pelo desejo de aceitação (ALMEIDA, SANTOS, PASIAN e LOUREIRO, 2005).

Dadas as grandes transformações pelas quais passam o corpo do adolescente e tamanhas as abordagens externas, no que diz respeito às relações do corpo enquanto passaporte para a felicidade e sucesso, são totalmente compreensíveis os resultados das pesquisas expostas anteriormente. Pode-se supor e esperar que, além das influências da mídia, outras formas de intervenções sociais venham permitir que o jovem da atualidade tenha a oportunidade de discutir valores relacionados à estética e à autoimagem, a fim de elaborarem de forma mais positiva situações de interação com seus grupos e uma consciência mais equilibrada de si mesmos.

2.2 Corporeidade e concepções de estética

Segundo Rodrigues (2005), no século do corpo, este torna-se, por um lado, objeto de estudo de diversas ciências, como a Antropologia, Sociologia, Filosofia; e, por outro lado, pela conscientização da importância de práticas corporais que integram valores culturais orientais, torna-se objeto de estudo em sua própria significação, a corporeidade.

Manuel Sergio (1999) define corporeidade como a significação e a presença participativa no mundo, de onde surge a motricidade, que justifica sua razão de vida de “projeto” e onde a conduta motora representa um sentido através do corpo.

Neste sentido existem duas vertentes: Foucault (1988) vê o corpo como passivo diante da historicidade e da política quando afirma que “o corpo é moldado por um grande número de regimes distintos”; Merleau-Ponty (1999) acredita no corpo como uma entidade ativa diante das vivências, que se utiliza de hábitos adquiridos para lidar com as situações apresentadas pelo mundo.

Uma definição de corpo torna-se uma tarefa árdua já que essa estrutura é dependente de fatores culturais, religiosos e educacionais (SCOPEL e BARTILOTTI, 2006). Para esses autores, a fenomenologia entende o corpo como uma estrutura eminentemente relacional e a corporeidade como o nosso “ser-no-mundo”.

Estudo realizado em relação às alterações na expressão da corporeidade de alunos da sexta série praticantes de Educação Física Escolar, teve como principal objetivo analisar as alterações na corporeidade nessa prática orientada e, como objetivos específicos, revelar novas rotinas construídas pelos alunos a partir da participação em atividades físicas regulares, assim como detectar alterações na construção da imagem corporal. Este estudo foi realizado no município de Passo Fundo (RS). Foram entrevistados (entrevista semiestruturada) 18 alunos, participantes de aulas de Educação Física Escolar, três vezes por semana, com duração de 40 minutos cada. Os resultados encontrados concluíram que através das intervenções feitas o grupo demonstrou alterações na corporeidade a cada novo movimento trabalhado, escrevendo a cada aula uma história prévia através de seus movimentos, assim como dos erros e acertos, deixando-se perceber todo conjunto de relações emocionais e culturais construídas no momento da ação.

Reiterou-se também, através desse estudo, que o movimento humano é uma construção individualizada que se caracteriza pela influência da cultura e de seus elementos.

Finalmente, entendeu-se que o aluno é o seu corpo, historicamente produzido, e que se movimenta de forma intencional e significativa (MENEZES, 2007).

Diante do estudo apresentado, deve-se entender que a atividade física escolar orientada como intervenção lúdica para a compreensão e expressão da corporeidade corrobora a afirmação de Manoel Sergio (1999), quando define que a ludomotricidade é o comportamento motor típico das atividades lúdicas e que o jogo lúdico é constitutivo da cultura, arte e esporte sob a perspectiva da liberdade e sem intenção de produtividade, podendo ser fator de expressão da corporeidade.

Nesse sentido, corporeidade e estética se relacionam e se entrelaçam culturalmente visto que os modelos estéticos historicamente construídos submetem o sujeito à inclusão ou exclusão social.

O corpo, como primeira forma de comunicação, desde os primeiros instantes de vida através de simetrias e assimetrias, mobilidades e imobilidades, enfim,

através de suas expressões, continua ao longo da vida, transmitindo, mesmo que sem conhecimento consciente, mensagens através dos gestos, o que permite que o receptor faça um juízo de valor desses mesmos gestos, mesmo que esses valores não sejam os que o emissor pretende transmitir (RODRIGUES, 2005).

Isso significa dizer que desde o vestuário, a distância interpessoal, a expressão facial, as atitudes corporais podem parecer mais ou menos agressivas de acordo com a cultura à qual o sujeito pertence. A “identidade corporal”, que é gerada por essas atitudes e comportamentos corpóreos, comunica os valores sociais do sujeito, tratando o corpo como um sinalizador de pertença a um determinado grupo. O desvelar desse autoconhecimento é construído junto às vivências diárias e difere de acordo com o gênero (RODRIGUES, 2005).

Estudo realizado em discurso de 258 jovens cariocas de 17 a 24 anos, com objetivo de discutir a dominação masculina, com seus imperativos sociais de usos do corpo e seus reflexos na saúde física e psicológica dos indivíduos, concluiu, por meio de análise dos dados, que a busca de um determinado modelo de corpo pode significar, para muitos indivíduos, a submissão a uma espécie de “violência simbólica” imposta àqueles que não se disciplinam para se enquadrar nos padrões exigidos.

Os questionários feitos em tal pesquisa abordaram o início da vida sexual, a quantidade de parceiros e proporções corpóreas.

Especialmente no que diz respeito às proporções corporais, as respostas do gênero feminino sobre o que as jovens mais invejavam no homem podem ser classificadas em vantagens corporais e sociais. O que elas mais invejavam era a liberdade e referiam-se principalmente ao modo masculino de fazer xixi, afirmando que facilitava quanto à escolha do lugar.

Quanto aos homens, poucos responderam a essa questão: 16% invejavam a inteligência, dinheiro, independência, sucesso e poder, enquanto 8% das respostas referiam-se a “um corpo malhado”, “um belo corpo” e “perna e bunda”.

Destaca-se que, quando perguntados sobre o que invejavam nas mulheres, 40% dos homens afirmavam que não invejavam nada, 75% invejavam a capacidade de “dar à luz”.

Outro dado da pesquisa que merece ser citado é que, para as jovens, ao se descreverem para um anúncio com o objetivo de encontrar um parceiro, em sua maioria priorizaram a beleza (linda, lindinha de corpo); em relação ao peso, se

descreveram magras e citaram o peso, mas em nenhum caso se descreveram como gordinhas.

Os homens enfatizaram a altura e se descreveram como altos, e alguns ressaltaram o corpo atlético e bem dotado (GOLDENBERG, 2005).

Pode-se notar que as mulheres, ao se anunciarem, enfatizaram a magreza e a beleza, e os homens, preocupados com a altura e a força física, não pareceram achar significado no fato de serem ou não bonitos.

Os fatos analisados nessa pesquisa indicam um modelo de corpo estereotipado para homens e mulheres.

Segundo Goldenberg, 2005,

[...] as sociedades são capazes de levar seus membros, por meios puramente simbólicos, à doença e à morte: incutindo-lhes a perda da vontade de viver, fazendo-os deprimidos, abalando-lhes de toda a forma o sistema nervoso, consumindo sua energia física, marginalizando-lhes socialmente e privando-os de todos os pontos de referência afetivos, desintegrando-os de tal forma que num determinado ponto a morte passa a ser um simples detalhe biológico.

O corpo, enquanto cartão de visitas é apresentado ao outro, que o percebe através dos órgãos dos sentidos, como um traço atual da cultura ocidental, a dimensão estética (LACERDA e QUEIRÓZ, 2004).

Segundo Manoel Sérgio (2005), citando Agostinho Ribeiro, “o corpo está para mudar de estatuto na sociedade ocidental”. Assumindo qualquer identidade à sua escolha e podendo ser controlado e moldado, o corpo sempre se encontra numa situação inacabada.

A busca por adaptar esse “corpo objeto” aos moldes atuais se reflete em diversas faixas etárias. Pesquisa feita em escolares, com o objetivo de avaliar a prevalência de insatisfação corporal e fatores associados em dois municípios de pequeno porte no Sul do Brasil, demonstrou a prevalência de insatisfação com o corpo de 63,9%, sendo que apenas 16,9% estavam com sobrepeso. Este estudo realizou-se com 573 escolares, de 8 a 10 anos, dos municípios de Dois Irmãos em Morro Reuter, Rio Grande do Sul (TRICHES e GIUGLIANI, 2007).

Mendes e Prochno (2004) dão ênfase ao fator globalização, à pobreza da vida interna, assim como ao pouco estímulo à criatividade e a alta necessidade de

investimento no “corpo”, fatores que trazem à tona patologias como a depressão, síndrome do pânico, anorexias. O sujeito busca então resolver de forma rápida esses sofrimentos e atenuar suas dores a partir do que a tecnologia oferece, mesmo que seja uma atenuação temporária para seus males. O sofrimento do corpo à procura de novas máscaras perpetua um estereótipo de corpo perfeito que produzirá felicidade.

É relevante e assustador quando a preocupação com o corpo é constatada em pré-adolescentes de cidades do interior, embora em menor proporção que nos grandes centros. Triches e Giugliani (2007) apontam que a insatisfação corporal está focalizada claramente em relação ao peso, forma do corpo e gordura corporal.

A aparência é carta de visita para o mercado de trabalho, e a mídia propaga a imagem de um corpo magro e jovem onde mulheres e homens se sentem fragilizados por estarem fora dos modelos atuais (FREITAS, 2006).

Essa insatisfação com o corpo, segundo Triches e Giugliani (2007), demonstra que a preocupação com o peso, a insatisfação com a imagem corporal e a história de dietas de meninas no início da adolescência são elementos que indicam uma forte presença de distúrbios alimentares nos anos subsequentes.

Segundo Paim e Strey (2005), a imagem corporal deve ser estudada levando-se em consideração o contexto sociocultural no qual a pessoa se encontra. A imagem corporal é influenciável e modificável, dentre outros fatores, pela realidade e pelas expectativas e julgamentos que se pensa que a coletividade tem sobre os indivíduos.

Veiga (2006) propõe uma reflexão sobre a beleza como produto de consumo, onde se torna obstáculo não se apresentar com o padrão estereotipado exibido pela mídia, o corpo então se transforma num cartão de visitas com o qual o sujeito é aceito e reconhecido socialmente.

Não somente a aceitação no grupo social como também a sua própria sobrevivência estão atreladas a essa padronização, pois estudos afirmam que a boa aparência é cartão de visita para a empregabilidade. Em Londres, homens com boa aparência têm salários até 15% mais altos e as mulheres 10% do que outras pessoas que ocupam o mesmo cargo. O mesmo estudo revela que mulheres obesas recebem 5% menos que outras mulheres em posições semelhantes. Assim sendo, entende-se que a busca pela beleza torna-se fundamental para a conquista do mercado de trabalho (GENTA, 2002).

Publicações de 1863 referem-se de forma “bizarra” a maneiras como emagrecer, o que implica num rótulo para o corpo obeso (STENZEL, 2004).

O fato de estar fora dos padrões de beleza estereotipado e até mesmo ser obeso implica em fazer parte de uma categoria social específica e ser tratado de forma diferenciada, tendo que suportar desde apelidos pejorativos até comprar em lojas específicas para obesos. Estar fora dos padrões significa não provocar interesse e sofrer diante do desprezo do outro (CHAMBLISS; FINLEY; BLAIR, 2004).

O ser gordo, diante das prescrições científicas e do modelo dominante social atual, no qual gordura é sinônimo de doença, provoca culpa por não possuir o corpo magro das mulheres e o corpo musculoso dos homens (SUDO e LUZ, 2007).

Serra e Santos (2003), em análise a títulos e subtítulos de matérias da revista *Capricho* detectam que a apologia às diferentes e milagrosas dietas é uma constante, assim como exercícios milagrosos são oferecidos para que o sucesso seja atingido. Nas entrelinhas de todos os apelos feitos pela mídia, o corpo obeso é visto como deformidade à qual são oferecidos imediatos reparos (FIGUEIRA, 2003).

O empenho da mídia em popularizar a atividade física, por vezes, transmite que a forma física ideal deve ser alcançada a qualquer custo. Para se obter o corpo magro com baixo percentual de gordura e o aumento da massa magra em busca de ascensão social, são indicados caminhos fáceis como o consumo de hormônios, cirurgia estética, podendo causar alto grau de frustração, caso não tenha êxito (POPE, PHILLIPS e OLIVARDIA, 2003).

Segundo Katz, Kupermann e Mose (2004), nas sociedades contemporâneas o desejo é vinculado ao belo, e o feio é considerado como uma doença a ser extirpada, condenada à exclusão. Para eliminar a feiúra indesejável é válido todo tipo de intervenção, plásticas, ginástica e roupas. O belo significa prazer e felicidade, enquanto o feio resulta em inadequação.

Fugir aos padrões contemporâneos, assim como a tudo que é diferente da maioria, gera a marginalização e os apelidos e caricaturas pesam tanto como os adjetivos que visam amenizá-los: os obesos são denominados de “gordo feliz”, “ele é fortão” (KUPERMANN, 2004).

Sendo a imagem corporal um conceito que o indivíduo tem si mesmo, tão influenciável pela percepção que se tem do mundo, o conceito externo de padrão de beleza torna-se uma crença inquestionável, com o risco do cidadão ser marginalizado e rotulado.

Portanto, até mesmo os atletas, que pelo próprio efeito da atividade física deveriam estar satisfeitos com seu corpo, sofrem com as expectativas que neles são depositadas.

Paim e Strey (2005) realizaram estudo com o intuito de identificar a percepção de corpo da mulher que joga futebol e para tanto entrevistou 12 adolescentes do sexo feminino praticantes desse esporte. As respostas foram agrupadas em três grupos: na categoria importância do corpo verificou-se que as adolescentes davam grande importância à estética e à sua aparência frente ao outro; em relação à satisfação com o próprio corpo, apresentavam insatisfação moderada e, em relação ao estereótipo de gênero, demonstram uma dualidade de sentimentos, ora afirmando que a prática de futebol era procurada pela busca da melhor saúde, ora deixando claro que a prática lhes proporcionava comportamentos agressivos gerando para si atributos masculinos.

Pesquisa feita em 150 mulheres subdivididas em 5 grupos (não-obesa, sobrepeso, e obesidade grau I, II, III) demonstrou escolhas associadas a representações de baixo peso, o que significa dizer que, tanto nas representações de corpo real e ideal, o desejo e imagem prezavam os estereótipos de corpo magro e esbelto, identificando dificuldades na autopercepção corporal (PAIM E STREY, 2005).

A mulher brasileira tem uma enorme preocupação em permanecer jovem, bela e magra e essa imitação de “modelos” muitas vezes divergentes dos atributos da mulher brasileira se deve à vinculação desses estereótipos de prestígio e realização pessoal, o que na maioria dos casos são inalcançáveis até mesmo por uma questão racial (GOLDENBERG, 2005).

Tanto para homens como para mulheres, o corpo é o centro dos interesses, contudo as mulheres se sentem mais cobradas quanto à forma, tanto por elas mesmas quanto pelo sexo oposto. Em entrevistas, Goldenberg (2002, 2005), quando indagados sobre o que mais lhes atraía em uma mulher, os homens responderam, na primeira alternativa, que a beleza; quando perguntadas, as mulheres responderam que a inteligência, demonstrando as diferenças de associações feitas entre os sexos, no que se refere à natureza dos mesmos.

Atrair o sexo oposto e relacionar-se afetivamente preocupa as pessoas que se consideram fora dos padrões estéticos ditados socialmente. Indicadores baseados na teoria da evolução sugerem que os homens escolhem suas parceiras

de acordo com sua capacidade de reprodução e a relação cintura quadril baixa e normal parece ser fator de preferência masculino (BERGSTROM, NEIGHBORS e LEWIS, 2004).

Bourdieu (1999) afirma que a imagem do homem é associada a seres fortes, potentes e viris, e as mulheres a seres delicados, submissos, apagados.

Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica indicam que especialmente a mulher brasileira é vice-campeã na busca de cirurgias plásticas, somente vencida pelas norte-americanas. Tendo como fato alarmante a busca desses procedimentos ser feita por jovens de menos de 18 anos. No que se refere à insatisfação com o próprio corpo, pesquisa feita com 3.200 mulheres de dez países revela que 37% das brasileiras se dizem insatisfeitas com o próprio corpo e somente 1% se acha bonita (VANNUCHI, 2004).

Marsillac e Souza (2006) atestam que se tornar diferente do padrão social estabelecido é incontestavelmente considerado como inabilidade, sem a possibilidade de ser uma opção própria. Já seguir um modelo “ideal” de corpo torna-se uma tortura em busca de aceitação e perfeição.

É necessário, no entanto, analisar os fatos dentro do contexto social. Nos estudos citados anteriormente, o estudo feito em adolescentes, mulheres e homens de classe média, num contexto adverso, a autoimagem pode ser considerada de acordo com a valoração do grupo no qual estão inseridos.

De acordo com Boltanski (1979), os cuidados estéticos e a preocupação com o corpo são relacionáveis à classe social, ou seja, quanto mais elevada a classe social, maior a preocupação com a imagem corporal.

O discurso em torno de uma alimentação natural pode estar ligada ao nível educacional e intelectual, tendo como aliados maiores recursos financeiros, flexibilidade de horários e autonomia. Ao contrário das classes populares, que tendem a priorizar a economia de energia para as longas jornadas de trabalho, o que se traduz numa visão utilitarista do corpo.

Estudos feitos em grupos de mulheres da Rocinha em relação à percepção corporal evidenciaram que os padrões de corpo ideal são diferentes dos atributos estéticos que vigoram em classes sociais mais elevadas. Os incômodos causados pela obesidade eram alegados, não pela estética, mas sim pelos sintomas que esses causavam, atrapalhando a produção na vida do trabalho, nos afazeres familiares. Ainda em alguns casos, verificou-se que o corpo obeso era valorizado

pela força de trabalho e melhoria da classe social (FERREIRA e MAGALHÃES, 2006).

Maldonado (2006) reitera que existem diferenças entre classes sociais na maneira de valorizar e perceber o corpo. Assim, o corpo moldado através de ginástica e cirurgias é feito para o prazer, consumo e poder, sendo característico das classes altas. Para a classe média, a intenção de corpo popularizado pela mídia frustra e causa insatisfação pela dificuldade de alcance desse mesmo modelo. Em contrapartida, na classe baixa, segundo essa mesma pesquisa, mulheres que trabalham no campo têm como belo e saudável o corpo gordo, forte e grande, relacionando-o à força para combater a rotina pesada no campo, o que diverge da classe operária urbana, que mesmo necessitando dessa força para o trabalho se vê contaminada pelas interferências midiáticas que lhe causam insatisfação com a própria imagem.

Segundo Saikali, Soubhia, Scalfaro e Cordás (2004), crenças e normas socioculturais estão interligadas aos aspectos relacionais no que diz respeito às concepções corpóreas. Assim as modificações corpóreas determinam o status social, dando a essas novas “formações” um significado simbólico.

É interessante notar, entretanto, que no momento atual as revistas e a mídia que disseminam a ideia de obtenção da boa forma de maneira rápida e a qualquer custo, embora preguem o modo de vida dominante, são lidas e ouvidas em todas as classes sociais e principalmente por mulheres (MALYSSE, 2002).

A imprensa denominada feminina mistifica um padrão ideal de corporeidade para este sexo, a partir de seus editoriais, consolidando o papel deste gênero em nossa sociedade. Esse discurso midiático se torna real quando propõe de forma assertiva uma transformação corporal, sem considerar que os modelos são tratados para as fotos com tecnologia de ponta e cosméticos, processos esses inviáveis no dia-a-dia (BRAGA, 2003).

Segundo os estudos citados anteriormente, a mídia e as exigências sociais colaboram de maneira imperativa na construção da corporeidade de pessoas de várias faixas etárias e diferenciadas regiões, então, qual será o papel da escola, como instituição participativa nesse processo? Quais as possibilidades de intervenção através da Educação Física Escolar já que essa trabalha intimamente com o corpo?

Faremos uma análise da Educação Física Escolar real de suas possibilidades.

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E INTERVENÇÃO

A Educação Física Escolar, sua importância e função no processo educacional têm como intuito contribuir para a construção de um sujeito-cidadão capaz de compreender e gerenciar seus saberes a partir de suas próprias escolhas.

No entanto, como pretender uma intervenção eficiente diante de tantas interferências no vínculo teoria e prática?

Além disso, a concepção cartesiana ainda hoje se perpetua nas entrelinhas da prática pedagógica da Educação Física Escolar, focando os objetivos dessa mesma em seus aspectos biológicos, como a manutenção do corpo saudável, o desenvolvimento de habilidades motoras e, principalmente, a performance desportiva (SERGIO, 2003).

Também o cientificismo elimina dos meandros da Educação Física a subjetividade, já que essa não pode ser mensurada e os estudos em sua grande maioria tornam-se um amontoado de dados estatísticos desconsiderando as características históricas e culturais (ZOBOLI, SILVA e BORDAS, 2006).

Para compreender melhor a disciplina Educação Física, hoje se faz necessário verificar dados que fazem parte da realidade dessa mesma prática, sendo um exemplo a forma como o corpo é tratado.

Ao conceber o homem como ser dual e compreendendo o corpo somente em seus aspectos anatômicos e fisiológicos, o corpo é tratado em aulas de Educação Física como corpo “coisificado” e assim desprezado (BERESFORD, 2002).

Esse fenômeno ocorre pela falta de identidade da disciplina, assim como a ausência de sistematização de seus conteúdos próprios. Fundada para servir a interesses ideológicos, flutua entre várias abordagens que dificultam a formulação de objetivos que a identifique enquanto disciplina curricular.

Segundo Tojal (1994, p.132), a Educação Física vive de empréstimo do que pede à biologia, à sociologia, à pedagogia, o que agrava a atual situação teórico-prática que norteia a disciplina, no que diz respeito à formação profissional, que ainda nos dias atuais tende a formar técnicos e atletas.

Entendendo a atividade física como objetivo de culto ao corpo, estética, qualidade de vida ou até mesmo objetivos esportivos, o profissional de Educação Física, dentro ou fora do âmbito escolar, está envolvido nesse processo, sendo sua atuação um reflexo de sua formação (LUDORF, 2005).

A formação de tais profissionais com aulas teóricas e práticas, assim como a maneira pela qual alunos e mestres vivenciam seus cursos de graduação em Educação Física, pode evidenciar como esse profissional se relacionará no futuro no mercado de trabalho.

Pesquisa qualitativa realizada em um curso de graduação em Educação Física, numa instituição pública do Rio de Janeiro, da qual participaram 20% do corpo docente, cerca de 15 professores foram selecionados a partir de critérios como sexo, idade e disciplina que lecionavam (escola, academia, esportes). Através de entrevista semiestruturada puderam ser observados alguns itens relevantes.

O primeiro deles é que, na fala de 53,33% dos professores entrevistados, o corpo era visto como corpo-instrumento, aquele que vivencia a prática esportiva e que serve para apreender determinada técnica, sendo avaliado pelo que consegue produzir. O objetivo era o ensino da técnica.

O segundo item mostrava a fala de 33,33% dos professores participantes que citavam a importância de compreender o corpo como um todo, com o objetivo de ampliar as possibilidades corporais, propondo atividades em forma de vivências que propiciassem o autoconhecimento e a descoberta de novas possibilidades corporais. Diferente da visão anterior, o corpo subjetivo surgiu da fala de três dos quatro professores das disciplinas ligadas à corporeidade, contrariando a posição anterior, de um corpo não pertencente ao aluno.

Segundo a pesquisa, ainda é predominante, por parte da prática pedagógica do professor universitário dos cursos de Educação Física, uma visão biologizante e técnica da Educação Física (LUDORF, 2005).

Entretanto, observando a estatística da mesma pesquisa, percebe-se, através das falas dos professores relacionados ao corpo subjetivo, uma linguagem pautada na sociologia do corpo. Contextualizando a cultura e a sociedade, pode-se apontar para um momento de reflexão e mudança.

A importação de modelos externos, como o sistema ginástico alemão e sueco, o método francês, entre as décadas de 10 e 20 do século passado, assim como o método desportivo generalizado, nas décadas de 50 e 60, colaboraram de

forma substancial para a realidade atual, a de uma disciplina sem identidade própria (SANTIN, 2001).

O resultado dessa falta de identidade é a ausência de conscientização desde os tempos escolares da importância da prática de atividade física, bem como da necessidade da inclusão do lazer na vida diária, uma vez que as práticas motoras e o movimento são primordiais na formação da corporeidade do sujeito, e a escolaridade falha em não atender a essa demanda (SANTIN, 2001).

As práticas realizadas na disciplina Educação Física devem fundamentar-se em seu significado para a realidade em que o aluno vive, buscando seus interesses, necessidades e capacidades, considerando que esses estão inseridos em uma sociedade que o influencia em sua forma de viver, agir e pensar (OLIVEIRA, 1997).

O professor de Educação Física, por trabalhar diretamente com o corpo, é responsável pelas mensagens que transmite a seus alunos e pelas práticas corporais que traduzem as concepções de mundo às quais o indivíduo pertence e induzem o que é aprendido dessa sociedade (DUTRA, SANTOS, GELSLEICHTER e SILVA JR, 2007).

Sendo a Educação Física voltada para o homem e compreendendo-o como gesto, movimento, expressividade e corporeidade voltada para o mundo que o cerca, o significado se estabelece por si só (TOJAL, 1994, p. 70).

Contudo, verificando uma série de incoerências, pensar a Educação Física Escolar é, sobretudo identificá-la para propor intervenções. É necessário formular propostas dentro dos interesses curriculares que devem se justificar pela sua importância na vida das pessoas e no desenvolvimento da sociedade.

Ao contrário disso, estudos feitos por Etchepare, Pereira e Zinn (2003), em séries iniciais, identificam a dissonância entre as propostas curriculares e as práticas de professores; assim, entende-se que a efetividade das propostas discutidas anteriormente depende da conscientização dos professores e de toda a comunidade escolar para que se traduza em ações concretas.

A Educação Física, conforme a LDB nº 9.394/96, passa a ser componente curricular no processo educacional e como tal deve rever seus objetivos, meios e fins em sua prática pedagógica (BRASIL, 1996).

Tendo a escola a função de educar para a vida, a disciplina escolar deve buscar em suas bases pedagógicas o objetivo maior de formar cidadãos autônomos.

Destarte, analisando a prática vigente que institui o esporte como conteúdo principal nas aulas de Educação Física, ao longo dos anos, pergunta-se: qual a finalidade dessa prática para o resto da vida do sujeito? (KRAVCHYCHYN, BERTAN, CARDOSO, 2007).

As reais necessidades do sujeito devem ser o foco da discussão em busca da legitimidade. O esporte, como um meio entre tantos outros, não deverá então ser um instrumento de exclusão e discriminação. A modificação pertinente deverá atender às possibilidades de participação dos alunos. Mudanças requerem debates, reflexões e geram conflito.

Segundo Medina (2004, p. 21), “contrariar os valores preestabelecidos é sempre uma temeridade”. E mais:

Constitui-se num eterno risco. E nem sempre as pessoas estão dispostas a enfrentar tais situações. O panorama brasileiro pode ser visto dentro desse enfoque. A predisposição ao conformismo é algo característico entre nós. No geral posições totalmente descompromissadas com os caminhos que deveríamos tomar coletivamente. Vivemos desempenhando falsos papéis.

Para tanto, há que se pensar se dificuldades para as mudanças advêm da falta de debate e reflexões ou do comodismo e omissão.

A escola atual deveria acompanhar as mudanças sociais, tratando os conteúdos escolares de forma a atender às demandas dessa mesma sociedade, sendo aplicado no cotidiano do educando (GASPARIN, 2003).

Assim, atendidos esses preceitos éticos, a função da Educação Física Escolar torna-se legítima, pois tem clara a função do “o que”, do “como”, e do “por que ensinar” (KRAVCHYCHYN, BERTAN, CARDOSO, 2007).

Como buscar intervenção sem compreender o significado do conceito autonomia?

Freire (1996) aponta que, embora a autonomia num primeiro momento dê a ideia de individualismo, essa perpassa antes pelo respeito ao espaço autônomo do outro, princípios éticos que devem ser levados em conta junto à busca do conhecimento e autoconhecimento, tendo o professor o papel de criador de possibilidades para a construção de conhecimento e não apenas de transmissor de informações.

A instrumentalização do sujeito em prol de tornar-se autônomo perpassa pelo elaborar conteúdos com significado e que tenha a finalidade para a vida em sociedade.

Leitura crítica dos PCNs (BRASIL, 1998) possibilitará tais formulações do conteúdo, tendo o sujeito e suas relações sociais como foco principal.

Daí a necessidade de não negar os esportes diante de sua importância como cultura corporal, desde que reestruturados e repensados como meios de intervenção para finalidades apropriadas.

Cabe ressaltar que a simples sistematização e inclusão de conteúdos não serão suficientes se, dentre os mesmos, não permear o intuito da compreensão da realidade.

Kravchychyn, Bertan e Cardoso (2007) sinalizam que é importante criar vínculos necessários entre teoria e prática, para que a primeira se traduza em ato, uma vez que a prática transformadora evidencia a compreensão da teoria.

Já Freire (1996), afirma: “percebe-se a importância do educador, o mérito da paz com que vive a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdo, mas também ensinar a pensar certo”.

A exposição das fraquezas ou das qualidades faz com que a aula sirva como forma de vigilância, os alunos e as alunas estão sendo observados o tempo todo, avaliados e julgados. Seus corpos são a expressão máxima de suas virtudes e vícios e as avaliações são feitas a partir da observação de sua postura, de suas habilidades em exercício constante de visibilidade (LIMA e DINIZ, 2007).

Embora meninos e meninas façam aulas juntos num mesmo espaço, ainda hoje os papéis são designados de acordo com a divisão cultural, ou seja, os homens perpetuam-se em papéis de força e agressividade, enquanto as meninas a papéis que dependem de sensibilidade.

Estudos, realizados com o objetivo de verificar a existência de motivação interna e externa entre meninas e meninos da 8ª série do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio em relação às aulas de Educação Física, tiveram em sua amostra 279 participantes entre 14 e 17 anos, e verificou-se que os alunos da 8ª série do ensino fundamental estavam mais motivados que os da 3ª série do ensino médio para a prática de aulas de educação física (MARZINEK e NETO, 2007).

Esse resultado pode ser esclarecido, segundo Lavisolo (1995), quando afirma que, embora os alunos apresentem grande prazer na prática da disciplina Educação

Física, não a consideram importante, deixando explícito, portanto, que distinguem prazer e motivação da importância real que as outras disciplinas podem ter em suas vidas no mundo do trabalho.

A Educação Física Escolar somente elevará sua qualidade, enquanto disciplina, quando compreender a necessidade de um vínculo real entre teoria e prática.

Segundo Pereira (2000), o exercício físico compreendido como ato pedagógico só existirá quando espaços forem abertos para explicações, questionamentos, discussões, leituras e outras formas de operacionalização do conhecimento pertinente ao mundo motriz, o que obviamente exigirá dos profissionais capacidade crítica e cognitiva de elementos trabalhados nos cursos universitários, como sociologia, história, biomecânica, fisiologia, política e pedagogia. Tal exigência impossibilitará a ação de leigos e curiosos no exercício da profissão. A educação continuada, enquanto objetivo de uma Educação Física permanente, torna-se pertinente, já que a maior parte da existência do indivíduo se dá na vida adulta.

A autonomia é interdependente do conhecimento e do autoconhecimento, estando a função do educador atrelada a esse processo, onde atua como oportunizador de situações que gerem a construção do conhecimento e não como um mero transmissor de informações (FREIRE, 1996).

Visando à saúde e ao lazer, baseia-se na autonomia criada através do elo conhecimento-prazer para uma atuação crítica em sociedade de forma perene.

Entretanto, tal objetivo só se referenda através da escola se essa implementar práticas pedagógicas otimizadas e também prazerosas, o que requer esclarecimentos de cunho antropológico e sociológico (PEREIRA, 2000).

Pesquisa de natureza qualitativa, do tipo descritiva, realizada através de questionário contendo 14 questões, aplicada em 1.172 alunos entre a 5ª e 7ª série do ensino fundamental e 1º ano do Ensino médio da rede pública estadual de Rio Claro, evidenciou que 20% dos alunos do Ensino Médio são dispensados das aulas de Educação Física Escolar, mesmo que 50% deles considerem a Educação Física sua matéria preferida. Acreditou-se que tal quadro se deva ao fato da disciplina ser oferecida em período alternado às demais, dificultando o retorno, devido à distância da casa e ao trabalho (aluno trabalhador).

Os resultados atestam também um progressivo afastamento dos alunos da Educação Física, assim como da atividade física realizada fora do contexto escolar (DARIDO, 2004).

Aprofundando a análise dos dados, verifica-se que, no total das indicações da 5ª e 7ª e Ensino Médio, foram alcançados respectivamente 81,1%, 73,4%, 72,6%, o que demonstra o decréscimo na preferência na passagem do 7º ao 1º ano do Ensino Médio com o passar do tempo.

Entretanto, a que se deveu a preferência da referida disciplina em 49,7% dos alunos do Ensino Fundamental e 44% de indicações, de preferência no Ensino Médio?

Talvez ao desgaste causado pela repetição de programas, ou seja, práticas baseadas em fundamentos dos desportos, seguidos de um jogo, onde se exigia a execução de gestos desportivos estereotipados e já vivenciados desde o ensino fundamental (DARIDO, 2004).

Os conteúdos escolares devem apresentar sua funcionalidade na vida diária do cidadão. Assim como, à medida que passam os anos escolares, aumentar o grau de complexidade com a apresentação de sua relevância para a vida (SAVIANI, 2005).

Existe, certamente, na busca da formação do cidadão autônomo e instrumentalizado para gerenciar suas próprias vidas, uma série de aprendizagens a ser desenvolvidas, conquistadas, o que não significa negar a prática existente, mas resignificá-la, com o objetivo de identificar sua importância na vida diária do sujeito (DARIDO, 2004).

O distanciamento da Educação Física Escolar, assim como da prática de atividade física fora da escola ao longo da vida, é eminente no estudo acima citado, podendo afirmar que esse ocorre durante a vida escolar, principalmente nos anos referentes ao Ensino Médio.

É através do corpo que os seres humanos interagem entre si e com o mundo (SANTIN, 2003); entretanto, equacionar as diferenças como forma de aprendizagem, exige estímulo e oportunidade.

Darido (2004) assinala que os alunos mais habilidosos, que por sua vez valorizam seus pares com condições parecidas, participam com efetividade das propostas do professor, e acabam por afastar os que mais necessitam ser estimulados à prática da atividade física.

Diante dessa realidade e acreditando que a Educação Física é para todos, devendo possibilitar a participação de todos e que a função da escola é educar para a vida, para o “homem sujeito”, a pergunta que não quer calar é a seguinte: Qual a função da Educação Física Escolar nesse momento? (KRAVCHYCHYN, BERTAN e CARDOSO, 2007; HILDEBRANT-STRAMANN, 2004).

Certamente a escola deveria proporcionar condições para a prática da atividade física permanente, após período formal escolar, o que significa pensar o prazer em sua prática, criando um vínculo positivo e estimulando o conhecimento e reconhecimento do para quê e do porquê fazer atividade física.

DARIDO (2004) dá o seguinte parecer: “Os alunos têm tendência a apreciar disciplinas relacionadas a liberdade, alegria, interesse, beleza, prazer e ainda com distração e que não sejam relacionadas ao trabalho”.

Isso justifica o fato de que na mesma pesquisa existe preferência pela disciplina e desvalorização quando questionados a respeito da importância da mesma: apenas 8,2%, 10% e 8,7% da 5ª série ao 1º ano do ensino médio, respectivamente, consideram a disciplina importante para sua formação.

O relativo afastamento ao longo do tempo, assim como a falta de importância votada à disciplina, deve-se à ausência de sistematização que gere interesse, reconhecendo seu significado para o resto da vida.

Estudos para testar conhecimento sobre Educação Física Escolar, através de prova individual, com três temáticas: história e sociedade, cotidianidade e qualidade de vida, ginástica, esportes e fisiologia, onde foram avaliados 280 escolares, média de idade 17,7 anos, 169 moças e 111 rapazes, da última série do Ensino Médio de 11 cidades do Rio Grande do Sul, oscilando entre 0 e 10, a maior nota foi 7,5 e a menor 0,5, com 15,36% delas acima de 5,0. Concluiu-se que os escolares evidenciaram deficiências cognitivas ao concluírem o Ensino Médio com desconhecimento aproximado da alienação político-cultural, sem assimilação crítica da cultura física escolar e não-escolar, o que dificultava a orientação para a exercitação física permanente (PEREIRA, 2000).

Numa perspectiva que vá ao encontro de uma Educação Física para a vida, entende-se que os resultados acima descritos são reflexos de uma ação desvinculada dos objetivos escolares e educacionais.

A partir da identificação de demandas sociais, a compreensão dos objetivos da prática pedagógica se relaciona a ela proporcionando a instrumentalização do educando com foco em sua possível autonomia (SAVIANI, 2005).

Todas as pesquisas aqui citadas e analisadas ilustram que a disciplina Educação Física Escolar sofre uma série de contradições. Superar as limitações de uma prática pedagógica mecanicista, onde o sujeito é visto de forma fragmentada e o processo de ensino aprendizagem é de cunho comportamental, vem a ser um primeiro momento de superação.

João e Brito (2004), analisam o método da complexidade de Morin (1997) e fazem uma reflexão acerca da corporeidade, visto que esse constrói pontes entre várias áreas de conhecimento e se propõe a conhecer as relações entre o todo e as partes.

Segundo Morin (1997 *apud* JOÃO e BRITO, 2004);

[...] sob a luz do pensamento complexo, a corporeidade constitui-se nas dimensões físicas (estrutura orgânica, biofísica, motora, organizadora de todas as dimensões humanas), emocional-afetiva (instinto-função-afeto), mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, idéia, consciência) e sócio-histórica-cultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismos). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano constituindo sua corporeidade.

Daí pode-se delinear caminhos para uma intervenção, entendendo o movimento que nos leva ao significado, conhecer a si e ao outro, interpretando essas relações entre o interior e o exterior.

Pensamento igualmente esclarecedor encontra-se em Merleau-Ponty (1999) que difunde a idéia de se compreender o “corpo como sendo o próprio indivíduo”, contrariando o dualismo cartesiano e a idéia de posse de “ter um corpo”.

Entretanto os meios de comunicação de massa postulam contra esse propósito, propagando um ideal de corpo muitas vezes inatingível, cabendo aos profissionais de Educação Física desconstruir esse protótipo (COSTA e VENANCIO, 2004).

A concepção hegemônica do corpo na Educação Física contribui de forma determinante para a busca do corpo perfeito, rígido, com aumento de volume muscular e eliminação da gordura e com o frescor de pele que não representa sua história. A obtenção rápida e a todo custo de um corpo padronizado por uma

economia capitalista oculta, por trás da busca de uma vida saudável, apenas a evocação de uma imagem corporal preconcebida como ideal (PERETI e SILVA, 2005).

Este protótipo é construído sob um discurso de saúde e beleza ao alcance de todos, atingido através de atividade física, alimentação diet e processos diversos como lipoaspiração, lifts, reproduzido e reforçado por profissionais de Educação Física (COSTA e VENANCIO, 2004).

O pensamento de Foucault (1988) demonstra exatamente o pensamento focado anteriormente, ao ponderar que o “Biopoder requer um grande investimento de poder sobre os corpos, em que bem-estar, saúde e higiene, sexualidade são transformados em preocupação básica para controle ou disciplina dos indivíduos”.

É importante ressaltar que o modelo de saúde e beleza construído pela mídia tem objetivos de reprodução e controle, e que um posicionamento crítico e ético sobre tais questões é uma contribuição coerente para reatar valores como sociabilidade e cooperação (COSTA e VENANCIO, 2004).

Sobre a mídia, Leite e Lima (2006) advertem que aquilo que alimenta as ilusões do que somos são as imagens do corpo, o corpo “retificado”, “fetichiado” e idealizado como o único fim a ser atingido em prol de uma felicidade imaculada.

As pessoas e suas singularidades deixam de ser admiradas, uma vez que modelos estereotipados são seguidos até mesmo pelas crianças.

A televisão vincula imagem e discurso influenciando de forma decisiva a interpretação da realidade. No caso específico da imagem do corpo, são definitivas ao concebê-las como verdades absolutas, desencadeando através desse discurso a vergonha por não se encaixar em tais modelos (MORENO e POLATO, 2006).

Algumas evidências estruturam a hipótese de que a mídia pode estar promovendo distúrbios de imagem corporal e alimentar. Modelos e atrizes e outros ícones cada vez mais tendem a tornarem-se mais magros ao longo dos anos. Indivíduos com transtornos alimentares apontam a mídia como responsável pelo aprendizado de técnicas como indução de vômitos para perda de peso, exercícios físicos rigorosos e dietas drásticas que apontam efeitos imediatos, conforme Saikali, Soubhia, Scalfaro e Cordás (2004).

A intervenção midiática é tão poderosa quanto abrangente, construindo modelos a partir das idades iniciais. Análise feita em história em quadrinhos dá a perceber tamanha abrangência. Os modelos de masculinidade que permeiam as

mensagens das histórias em quadrinhos reiteram os valores associados a essa masculinidade, assim os personagens principais apresentam-se como musculosos e poderosos, associando esses dois últimos na busca da verdade e justiça (BEIRAS, LODETTI, CABRAL, TONELI e RAIMUNDO, 2007).

Estudo feito pela UNILEVER, no qual 40% das mulheres não se definem como bonitas, apenas 2% se definem assim, 31% usam o termo natural, 29% o termo mediana e 47% se acham com o peso acima do normal (embora a maioria nem mesmo tenha sobrepeso).

Para 68%, o padrão de beleza divulgado pela mídia faz propaganda de uma beleza que nunca alcançarão e 47% acreditam que somente as mulheres fisicamente atraentes são retratadas na cultura popular, enquanto 45% acreditam que somente mulheres bonitas têm maiores oportunidades na vida.

Entre os países pesquisados, o Brasil apresenta um índice de mais de 50% de mulheres que consideram a hipótese de realizar cirurgia plástica, sendo que 7% já o fizeram. Nesta mesma pesquisa, 76% das mulheres gostariam que a beleza da mulher fosse exaltada na mídia como algo mais que a atratividade física e 75% gostariam de ver outro tipo de atratividade física com a variação de idade, peso e tamanho (VIANNA, 2005).

E assim vão sendo construídos significados e simbologias sociais que estão em contínua troca com a imagem psíquica que o sujeito tem de si mesmo (MCKAY, MIKOSZA e HUTCHINS, 2005).

Para Beiras, Lodetti, Cabral, Toneli e Raimundo (2007), a corporeidade pode ser compreendida através de seus significados sócio-históricos, assim como a masculinidade ou os atributos do que é ser macho.

Em relação à educação do corpo e ao processo civilizatório, nos tempos de modernidade, ao invés do indivíduo procurar entender o significado da corporeidade para elaborar sua formação, esse entendimento prediz a dimensão corporal a algo sem complexidade e de menor importância na vida social (PINTO, 2004).

Compreendendo que cultura e educação estão vinculadas às artes, tipos de comida, lendas e crença, tornando-se assim uma construção histórica, produto social coletivo, o corpo representa essa mesma cultura e constructo do que a ela se vincula, segundo Zanin, Aguiar e Morelli (2006).

A Educação Física como parte integrante da grade curricular deverá formar cidadãos críticos e respeitadores de diferenças (GONÇALVES e AZEVEDO, 2007).

É interessante notar que até mesmo a omissão é fato colaborador para o não cumprimento da contribuição necessária para a formação do cidadão uma vez que se pode afirmar que o sistema dominante, através dos adestramentos dos corpos, utiliza a escola para repassar valores e a ideologia de mercado (ZOBOLI e LAMAR, 2004).

O direito à Educação Física é de todos os alunos, independente de seu rendimento, cabendo ao profissional desta área, em sua prática pedagógica, buscar a autonomia do sujeito.

Analisando a Educação Física no Ensino Médio, observa-se que se encontra na área de códigos e linguagens entre outras disciplinas e, assim como todas, pretende dar continuidade ao que se trabalhou no ensino fundamental. No entanto esbarra em duas situações diferenciadas: uma, a falta da própria Educação Física no Ensino Fundamental; outra, quando vivenciada anteriormente, torna-se repetitiva no Ensino Médio.

Observou-se um mesmo uso de metodologia, ou seja, execução de fundamentos e em seguida vivências de situação de jogo, e somente em algumas escolas ocorreu o aprofundamento através de tática de jogo (MATTOS e NEIRA, 2002).

O comportamento citado anteriormente, que permeia a prática pedagógica da Educação Física Escolar, tem procedência nas raízes mecanicistas e de uma abordagem comportamentalista, propagando uma confusão entre currículo formal e currículo real. Este embaraço não considera a cultura corporal trazida pelos alunos e suas relações com o outro e com o mundo.

Neira e Galhardo (2006) compreendem currículo escolar como o conjunto de conhecimentos e experiências oferecidos aos estudantes, elaborado fora da escola (currículo formal) a partir de políticas educacionais, mas, reelaborado dentro do âmbito escolar, tornando-se currículo real a partir de necessidades de educadores e educandos.

Além da inadequação curricular, a abordagem comportamental é privilegiada acentuando as exigências fragmentadas.

Repensar a prática contraditória da Educação Física Escolar requer, antes de qualquer coisa, compreender a motricidade humana nesta mesma escola.

Sergio (1999) entende motricidade humana como movimento intencional da transcendência, ou seja, o movimento de significação mais profunda na qual o

essencial é a experiência originária, donde emerge também a história das condutas motoras do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis propõe. O ser humano está todo na motricidade, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida.

Diante do elucidado anteriormente, compreender as abordagens comportamental e fenomenológica implica em reconhecê-las.

A abordagem comportamental privilegia uma classificação no domínio motor, concentrando esforços em ações, enquanto o professor detém o conhecimento e deposita-o em meros espectadores que deverão ser capazes de reproduzi-los, onde a ideia de instrução está presente. Em relação ao processo ensino-aprendizagem, este tem o professor como sujeito que toma decisões em relação à matéria a ser inserida, assim como ao que diz respeito ao aluno que terá seu comportamento modificado. O conteúdo é controlado e previsível sem ser adaptado às individualidades; o procedimento utilizado é a demonstração e a aprendizagem feita através de imitação, como objetivo de lembrar, memorizar e reproduzir; a avaliação nesse contexto implica em medir através do desempenho, com mensuração da produção diante do que foi fornecido pelo professor

Em contraponto, numa perspectiva fenomenológica, entende-se a existência do ser no mundo a partir da afetividade, compreensão e expressão sempre na mesma dimensão de importância. Preocupam-se com o processo e na troca de informações, as decisões, assim como a matéria, são discutidas pelos participantes, o professor assume o papel de facilitador, prioriza o conteúdo significativo, pautado na realidade socioeconômico-cultural, visando a uma dialética entre os participantes e o mundo. O aluno - através da criatividade, iniciativa, cooperativismo - tenta alcançar os objetivos. O estímulo gera autoconhecimento e compreensão do próprio desenvolvimento, percebendo suas potencialidades e interpretando a realidade, tornando-se protagonista de seu conhecimento. E finalmente, do ponto de vista fenomenológico, os objetivos da avaliação são contextualizados e todo processo é respeitado (JUNIOR, RAMOS e COUTO, 2003).

Segundo Libâneo (2004), o Ensino Médio, enquanto ciclo de aprofundamento de sistematização de conhecimentos, no qual o educando começa a compreender e explicar às propriedades comuns e regulares dos objetos, assim como refletir sobre os mesmos, passa a lidar com a regularidade científica podendo então passar a ser produtor de conhecimentos científicos quando submetido à atividade de pesquisa.

A tomada de consciência e a significação dos conteúdos fundantes de uma disciplina curricular constroem sua identidade. Assim o termo “consciência” que deriva do latim “conscientia”, que significa saber em comum, liga-se a uma noção íntima dos atos realizados pelo próprio sujeito e que testemunham a sua intencionalidade, implicando um julgamento de si e fazendo também apelo a um conhecimento susceptível de ser partilhado com os outros” (RUI MARTINS, 2005), é fundamental de ser interiorizado para as propostas interventivas reais no campo da Educação Física Escolar.

As possibilidades a partir do conhecimento sobre o corpo são inúmeras. No entanto, não existe a pretensão de exclusão de quaisquer conteúdos, mas devem ser discutidos e repensados por conta de sua ação hegemônica na Educação Física Escolar (MORENO e MACHADO, 2006).

Filho, Bandeira e Jorge (2005) asseveram que, desvelar as práticas e técnicas corporais, pode-se perceber a historicidade do homem na sociedade, assim como os valores sociais, econômicos e culturais dos sujeitos. E, sendo a escola a responsável pela sistematização de conhecimentos, torna-se o espaço ideal para compreender e problematizar os artifícios criados pela classe dominante na manutenção do poder.

Foucault (1979, p. 80, *apud* Cavalcanti, 2005) desvenda a trama entre o poder, a política e os corpos:

[...] o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo, que investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica.

Embora a escola não seja redentora da sociedade, mas sim compreendida como espaço de implementação de questionamentos e palco de intervenções fundamentadas, devem ser discutidos os conteúdos transmitidos pela disciplina Educação Física no Ensino Médio, uma vez que emerge a necessidade de não se restringir aos temas do movimento e saúde, mas contemplar em sua prática docente discussões sobre atividades motoras e seus estereótipos, assim como a simbologia do corpo e dualidade corpo-mente, desmistificando a prática de atividades físicas e tornando o cidadão capaz de escolhê-las, segundo as suas reais necessidades (MALDONADO, 2006).

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa foi dividida em subitens: tipologia e delineamento; universo, amostragem e amostra; ética da pesquisa; procedimentos de coleta de dados; protocolos utilizados; instrumentos; limitações de métodos e procedimento de análise dos dados.

3.1 TIPOLOGIA E DELINEAMENTO DA PESQUISA

A investigação caracterizou-se como uma pesquisa descritiva, tipo levantamento (survey) e com delineamento *ex post facto*. Segundo Thomas e Nelson (2002), esse delineamento também é frequentemente chamado de delineamento de comparação causal, podendo ser usado para comparar atletas e não-atletas, indivíduos praticantes de atividade física e sedentários, onde o experimentador não tem controle do tratamento.

3.2 UNIVERSO, AMOSTRAGEM E AMOSTRA

3.2.1 Universo

O universo foi constituído de discentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica Fluminense.

3.2.2 Amostragem

A amostra não probabilística foi limitada por alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica Fluminense, nos níveis de Ensino Médio, Ensino Superior, Pós-graduação Lato Sensu e Ensino Médio Técnico na modalidade de Jovens e adultos (EJA).

3.2.2.1 Critério de inclusão e exclusão

Os sujeitos são de ambos os sexos e matriculados nos diversos níveis de escolaridade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica Fluminense.

Foram excluídos os sujeitos que somente cursam matérias técnicas na referida escola, assim como todos os que não fazem parte dos níveis escolares citados acima.

Foram excluídos também os sujeitos que estão fazendo uso de medicamentos controlados ou sofrem de anorexia ou bulimia.

Tanto os critérios de inclusão como os de exclusão foram identificados através de anamnese inicial contida na ficha cadastral (Anexo B).

3.2.3 Amostra

Os sujeitos, que se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados de forma intencional e por conveniência perfazendo um total de 400 componentes.

3.3 ÉTICA DA PESQUISA

O presente estudo atendeu às normas para a realização de pesquisa em seres humanos, resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde de 10/10/1996 (Anexo G).

Todos os participantes de estudo concordaram em assinar o Termo de Participação Consentida (Anexo B) contendo objetivo do estudo, os procedimentos de avaliação, caráter de voluntariedade da participação do sujeito e a isenção da responsabilidade por parte do avaliador da UCB.

O estudo teve seu projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Castelo Branco e, após passar pela Pré-qualificação, foi aprovado por este referido Comitê para ser executado.

3.4 PROCEDIMENTO DA COLETA DE DADOS

Neste item, são descritos os procedimentos adotados na presente pesquisa quanto à coleta de dados e à avaliação dos escores do questionário de insatisfação com a imagem corporal.

3.4.1 Procedimentos preliminares

Num primeiro momento, foi levantada a quantidade de alunos dos seguintes níveis de escolaridade: ensino médio, ensino superior, pós-graduação lato sensu e ensino médio técnico na modalidade jovens e adultos, todos na faixa etária de 15 a 35 anos.

3.4.2 Avaliação diagnóstica

Os interessados em participar da pesquisa foram formalmente convidados e submetidos ao preenchimento de uma ficha cadastral, assim como a uma anamnese inicial.

3.4.3 Avaliação de variável insatisfação com a Imagem corporal

Esta avaliação pretendeu determinar os níveis de insatisfação com a imagem corporal.

Para aferir a insatisfação com a imagem corporal, foi utilizado o questionário BSQ (Body Shape Questionnaire), adaptado e validado por Di Pietro et al. (2001) (Anexo C).

O BSQ é um questionário autoaplicável com 34 questões que avalia e explora os pensamentos, sentimentos e comportamentos em relação ao seu corpo, podendo assim, como medidas perspectivas, graduar a insatisfação corporal (DI PIETRO, 2001).

3.5 PROTOCOLOS UTILIZADOS

Refere-se aos protocolos utilizados em cada medida da avaliação quanto aos critérios de autenticidade científica.

3.5.1 Procedimentos preliminares

Assinatura do termo de Participação Consentida (Anexo B) elaborado de acordo com a resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde de 10/10/1996 (Anexo G).

Para esta etapa do estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos como:

- Termo de Participação Consentida (Anexo B);
- Resolução 196, do Conselho Nacional de Saúde de 10/10/1996 (Brasil, 1996) (Anexo G).

3.5.2 Avaliação diagnóstica

- Uma ficha cadastral individual para anamnese e anotações das variáveis e escores do questionário BSQ (Anexo C).
- Uma ficha cadastral individual para anamnese (Anexo A).

3.5.3 Avaliação da variável insatisfação da imagem corporal

Para esta variável foi utilizado o questionário BSQ adaptado e validado por Di Pietro et al. (2001) (Anexo C).

O BSQ é um questionário simples e autoaplicável com 34 questões que avalia e explora os pensamentos, sentimentos e comportamentos em relação ao seu corpo, podendo assim, como medidas perspectivas, graduar a insatisfação corporal (DI PIETRO, 2001).

Pontuação da escala BSQ:

- Menos de 110 pontos: você tem quase nenhuma preocupação com a sua aparência.
- Entre 111 e 138: A sua preocupação com a sua aparência é leve.

- Entre 139 e 167: você tem uma preocupação moderada com a sua aparência.
- De 168 para cima: você se preocupa além da conta com sua aparência e talvez sofra de algum distúrbio relacionado a este assunto. É recomendável que você procure a ajuda de especialista.

3.5.4 Avaliação da concepção de estética

Foi utilizada a Escala de Desenhos de Silhuetas (Nine-Figure Outline Scale; Stunkard, Sorensen & Schulsinger, 1983), com a finalidade de avaliar a percepção de tamanho e forma corporal. A escala consiste de um conjunto de 18 desenhos, contendo nove silhuetas femininas e nove masculinas, que representam figuras humanas em ordem crescente de tamanho corporal. A aplicação da Escala de Desenhos de Silhuetas será feita sob forma de questionário único. Solicitou-se aos participantes que numerem frente às cinco assertivas propostas, como se segue:

1. Escolha uma figura que represente um homem de tamanho normal ()
2. Escolha uma figura que represente uma mulher de tamanho normal ()
3. Escolha uma figura que represente seu próprio tamanho ()
4. Escolha uma figura que represente um tamanho que você acredita que pode alcançar se quiser mudar o seu peso ()
5. Escolha uma figura que represente um tamanho que, na verdade, você gostaria de ter ()

Será verificado, diante dessa testagem, se existe um padrão de estética homogeneizado entre os diferentes níveis de escolaridade analisados.

3.5.5 Questionário de avaliação socioeconômica

Foi utilizado questionário elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP).

Observando o critério de classificação econômica Brasil.

3.6 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

Todos os mecanismos perceptivocognitivos, como a imagem e a insatisfação corporal, possuem componentes subjetivos e dinâmicos, ou seja, podem ser altamente influenciados por inúmeros fatores, opiniões de pais, amigos, parentes, questões psicológicas, humor.

3.7 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Os procedimentos estatísticos que foram propostos para a adequada análise dos dados visaram a caracterizar a amostra e testar as hipóteses formuladoras, podendo ser grupados da seguinte forma.

3.7.1 Estatística descritiva

O tipo de pesquisa desse estudo é descritivo normativo, no qual reuniu dados de uma amostra da população para apresentar os resultados na forma de comparação, caracterizado como um estudo de “status” e é amplamente utilizado nas ciências comportamentais. “Baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação, análise e descrição objetiva” (THOMAS e NELSON, 2002, p. 280).

Quanto ao tratamento estatístico, foram utilizados os métodos da estatística descritiva no sentido de caracterizar o universo da amostra, sob seus aspectos de distribuição de frequência, quando se tratou de dados discretos e médias, desvios-padrão, variâncias e demais estatísticas pertinentes, quando se tratou de dados contínuos. As questões do estudo foram tratadas quantitativamente e qualitativamente.

3.7.2 Estatística inferencial

A segunda parte do Trabalho Estatístico corresponde à parte inferencial do estudo. Para análise dos dados, considerou-se que as variáveis populacionais tenham distribuição normal bivariada, isenta de qualquer implicação de causa e

efeito e para tanto utilizou-se a ANOVA de fator único com um $P < 0,05$ (MARTINS, 2001).

3.7.3 Nível de significância e potência do experimento

Com o propósito de manter a cientificidade da pesquisa, o presente estudo admitiu o nível de significância de $p < 0,05$, isto é, 95% de probabilidade de que estejam certas as afirmativas e/ou negativas, denotadas durante as investigações e, admitindo-se, portanto, a probabilidade de 5% para resultados obtidos por acaso.

Todas as afirmativas e/ou negativas foram limitadas ao estudo em questão.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo destina-se à apresentação e discussão dos resultados obtidos a partir do tratamento dos dados relativos aos testes efetivados na presente pesquisa. Os resultados apresentados estão dispostos na seguinte ordem: 1) estatística descritiva, como média, mediana, desvio-padrão, coeficiente de variação do questionário BSQ; 2) Resultados do teste ANOVA entre os grupos; e 3) Resultados do teste de silhuetas.

4.1 CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

A amostra foi constituída de quatro grupos conforme o nível de escolaridade, 100 alunos do Ensino Médio (EM), 100 alunos do Ensino Superior (ES), 100 alunos da Pós-Graduação Lato Sensu (PG) e 100 alunos do Ensino Médio Técnico, na modalidade Jovens e Adultos (EJA).

4.2 RESULTADOS DOS TESTES

4.2.1 Avaliação “BSQ” nos grupos, ensino médio, ensino superior, pós-graduação e ensino médio técnico na modalidade de jovens e adultos (EJA).

O questionário Body Shape Questionnaire - BSQ (Anexo C), usado neste estudo, é um questionário fechado em escala ordinal para grupos independentes. Sendo assim, foi tomada a decisão por uma abordagem não paramétrica tendo a mediana como a média de tendência central.

Pontuação da escala BSQ:

- Menos de 110 pontos: você tem quase nenhuma preocupação com a sua aparência.
- Entre 111 e 138: A sua preocupação com a sua aparência é leve.
- Entre 139 e 167: você tem uma preocupação moderada com a sua aparência.

- De 168 para cima: você se preocupa além da conta com sua aparência e talvez sofra de algum distúrbio relacionado a este assunto. É recomendável que você procure a ajuda de especialista.

Tabela I: Resultado descritivo do Ensino Médio (EM)

	EM			
	<i>BSQ-fem</i>	<i>Idade-fem</i>	<i>BSQ-masc</i>	<i>Idade-masc</i>
Média	82,8	16,26	67,02	16,04
Erro padrão	4,127	0,142	4,666	0,154
Mediana	80	16,5	55	16
Modo	90	17	39	16
Desvio padrão	29,184	1,006	32,996	1,087
Variância da amostra	851,714	1,013	1088,755	1,182
Curtose	-0,557	-1,318	1,365	-0,464
Assimetria	0,361	-0,054	1,485	0,017
Intervalo	119	3	126	4
Mínimo	38	15	34	14
Máximo	157	18	160	18
Soma	4140	813	3351	802
Contagem	50	50	50	50
Nível de confiança (95,0%)	8,294	0,286	9,377	0,309

Tabela II: Resultado descritivo do Ensino Superior (ES)

	ES			
	<i>BSQ-fem</i>	<i>Idade-fem</i>	<i>BSQ-masc</i>	<i>Idade-masc</i>
Média	85,063	22,542	53,525	23,525
Erro padrão	5,080	0,566	2,540	0,808
Mediana	79,5	22	47	21,5
Modo	120	19	45	21
Desvio padrão	35,196	3,919	16,066	5,109
Variância da amostra	1238,783	15,360	258,102	26,102
Curtose	-1,083	-0,302	3,688	-0,323
Assimetria	0,370	0,683	1,789	0,974
Intervalo	118	16	74	18
Mínimo	35	17	35	17
Máximo	153	33	109	35
Soma	4083	1082	2141	941
Contagem	48	48	40	40
Nível de confiança (95,0%)	10,220	1,138	5,138	1,634

Tabela III: Resultado descritivo do Pós-graduação (PG)

	PÓS			
	<i>BSQ-fem</i>	<i>Idade-fem</i>	<i>BSQ-masc</i>	<i>Idade-masc</i>
Média	103,806	26,444	59,75	24,875
Erro padrão	6,121	0,764	5,654	1,020
Mediana	100	25	52	24
Modo	119	23	#N/D	22
Desvio padrão	36,724	4,582	22,617	4,080
Variância da amostra	1348,618	20,997	511,533	16,650
Curtose	-0,961	-0,984	0,199	-0,720
Assimetria	0,254	0,566	1,096	0,459
Intervalo	128	14	74	13
Mínimo	47	21	35	19
Máximo	175	35	109	32
Soma	3737	952	956	398
Contagem	36	36	16	16
Nível de confiança (95,0%)	12,425	1,550	12,052	2,174

Tabela IV: Resultado descritivo do Ensino de Jovens e Adultos (EJA)

	EJA	
	<i>BSQ-masc</i>	<i>Idade-masc</i>
Média	54,5	25,432
Erro padrão	3,202	0,829
Mediana	48	25
Modo	34	24
Desvio padrão	21,240	5,496
Variância da amostra	451,140	30,205
Curtose	1,987	-1,049
Assimetria	1,597	0,203
Intervalo	84	18
Mínimo	34	17
Máximo	118	35
Soma	2398	1119
Contagem	44	44
Nível de confiança (95,0%)	6,458	1,671

O estudo constatou, através de análise descritiva, média de 82,8 (EM), 85,06 (ES), 103,8 (PG) para o público feminino e 67,02 (EM), 53,52 (ES), 59,75 (PG) e 54,5 (EJA) para o público masculino, o que demonstra não haver quaisquer níveis de insatisfação com a imagem corporal.

Para verificar as diferenças entre os grupos, foi feita a estatística inferencial ANOVA de fator único.

Tabela V: Anova, fator único-BSQ feminino

RESUMO						
<i>Grupo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Soma</i>	<i>Média</i>	<i>Variância</i>		
EM	50	4140	82,8	851,7143		
ES	48	4083	85,0625	1238,783		
PÓS-GR	36	3737	103,8056	1348,618		
ANOVA						
<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Entre grupos	10548,92	2	5274,461	4,695309	0,010731	3,065296
Dentro dos grupos	147158,5	131	1123,347			
Total	157707,4	133				

Analisando a tabela V, verificou-se que as diferenças entre os grupos foi significativa com um $p < 0,0107$.

Tabela VI: Anova, fator único- BSQ masculino

RESUMO						
<i>Grupo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Soma</i>	<i>Média</i>	<i>Variância</i>		
EM	50	3351	67,02	1088,755		
ES	40	2141	53,525	258,1019		
PÓS-GR	16	956	59,75	511,5333		
EJA	44	2398	54,5	451,1395		
ANOVA						
<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Entre grupos	5314,938	3	1771,646	2,858537	0,039102	2,666574
Dentro dos grupos	90486,96	146	619,7737			
Total	95801,89	149				

Na tabela VI verificou-se não haver diferenças significativas entre os grupos.

4.2.2 Discussão do teste “BSQ” nos grupos, ensino médio, ensino superior, pós-graduação *lato sensu* e ensino médio técnico na modalidade de jovens e adultos (EJA).

Este estudo baseou-se na amostra de indivíduos de ambos os sexos, conforme o nível de escolaridade, através do questionário “BSQ”, não apresentando quaisquer níveis de insatisfação com a imagem corporal. Entretanto, pode não ter havido sinceridade das respostas, e o constrangimento e a exposição podem ter influenciado nos resultados, já previstos na limitação do estudo.

Outrossim, aventa-se a possibilidade de que o IMC (Índice de Massa Corpórea) dos indivíduos seja muito baixa, o que pode influenciar nas análises de autoimagem, principalmente de adolescentes.

Pesquisa realizada em todo ensino médio desta mesma instituição (CEFET-CAMPOS), totalizando 1.200 alunos, informa um IMC abaixo da média para meninas e meninos do 1º ano de ensino médio, havendo uma diferença mínima para os alunos do 3º ano do ensino médio (LEAL, 2004).

Contrariando os resultados do presente estudo, no que se refere ao teste “BSQ”, observa-se, na revisão de literatura, estudos que apontam para o alto grau de insatisfação com a imagem corporal em diversas faixas etárias, assim como o distúrbio na autopercepção, quando indivíduos, mesmo estando em peso ideal, têm uma percepção de corpo mais volumoso e fora dos padrões de beleza atuais, sendo em maior proporção em indivíduos do sexo feminino (se acham gordas) e de classes mais altas, com maior abrangência nos grandes centros, embora no interior já se perceba essas mesmas características (DE LUCIA, 2001; CAMPAGNA e SOUZA, 2006; GOMES e CARAMACHI, 2007; KAKESHITA e ALMEIDA, 2006).

Para verificar as diferenças entre os grupos, conforme o nível de escolaridades, foi realizada estatística inferencial ANOVA de fator único, observando-se que a diferença entre os grupos foi significativa com um $p < 0,01$, no grupo feminino, não apresentando significado para o grupo masculino.

O que nos leva a inferir a possibilidade de que, à medida que os sujeitos progredem em nível de escolaridade, a sua preocupação com a imagem corporal também aumenta significativamente, pelo menos para o grupo feminino.

Vale ressaltar que nenhuma outra pesquisa até o presente momento tenha comparado o nível de preocupação com a imagem corporal com os níveis de escolaridades. Entretanto se sabe que as exigências sociais para o mundo do trabalho aumentam a cada dia, principalmente para as mulheres que modificam seu papel nesse mesmo cenário.

A aparência é carta de visita para o mercado de trabalho e a mídia propaga a imagem do corpo magro e jovem onde mulheres e homens se sentem fragilizados por estarem fora dos modelos atuais (FREITAS, 2006).

Outro ponto a ser considerado é que junto à ascensão do nível de escolaridade, a faixa etária também aumenta, embora estudos como o de Damasceno et al. (2001) demonstrem que indivíduos com mais idade são menos

exigentes em relação a sua aparência; isso se concebe a sujeitos de meia idade (+/- 50) anos para cima, com estabilidade financeira, casados e com filhos, sofrendo menos com as pressões sociais, mídia e moda, o que não se relaciona a este presente estudo, já que a amostra se limita a sujeitos com no máximo 35 anos.

Corroborando os dados do presente estudo que indicam uma diferença significativa entre os grupos de diferentes níveis de escolaridades, somente para o gênero feminino, estudos realizados com 150 mulheres, subdivididas em 5 grupos (não-obesa, sobrepeso e obesidade grau I, II, III,) demonstram escolhas associadas a representações de baixo peso o que significa dizer que - tanto nas representações de corpo real e ideal, o desejo de imagem - prezam os estereótipos de corpo magro e esbelto, identificando dificuldades na autopercepção corporal (ALMEIDA, SANTOS, PASIAN e LOUREIRO, 2005).

4.2.3 Avaliação do teste de nove silhuetas nos grupos, ensino médio, ensino superior, pós-graduação e EJA.

Foi utilizada a Escala de Desenhos de Silhuetas (Nine-Figure Outline Scale; Stunkard, Sorensen & Schulsinger, 1983), com a finalidade de avaliar a percepção de tamanho e forma corporal. A escala consiste de um conjunto de dezoito desenhos, contendo nove silhuetas femininas e nove masculinas, que representam figuras humanas em ordem crescente de tamanho corporal. A aplicação da Escala de Desenhos de Silhuetas foi feita sob forma de questionário único. Solicitou-se aos participantes que numerassem frente às cinco assertivas propostas, como se segue:

1. Escolha uma figura que represente um homem de tamanho normal ()
2. Escolha uma figura que represente uma mulher de tamanho normal ()
3. Escolha uma figura que represente seu próprio tamanho ()
4. Escolha uma figura que represente um tamanho que você acredita que pode alcançar se quiser mudar o seu peso ()
5. Escolha uma figura que represente um tamanho que, na verdade, você gostaria de ter ()

Foi verificado, diante dessa testagem, se existia um padrão de estética homogeneizado entre os diferentes níveis de escolaridade analisados, assim como, se existia coerência entre a própria imagem e a imagem desejada.

Tabela VII: silhueta feminina Ensino Médio

Imagens	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5
1	2%	12%	36%	22%	34%
2	14%	54%	32%	38%	32%
3	72%	26%	22%	34%	28%
4	10%	6%	6%	4%	4%
5	0%	0%	4%	2%	2%
6	0%	2%	0%	0%	0%
7	2%	0%	0%	0%	0%

P1 – pergunta 1, P2 – pergunta 2.....

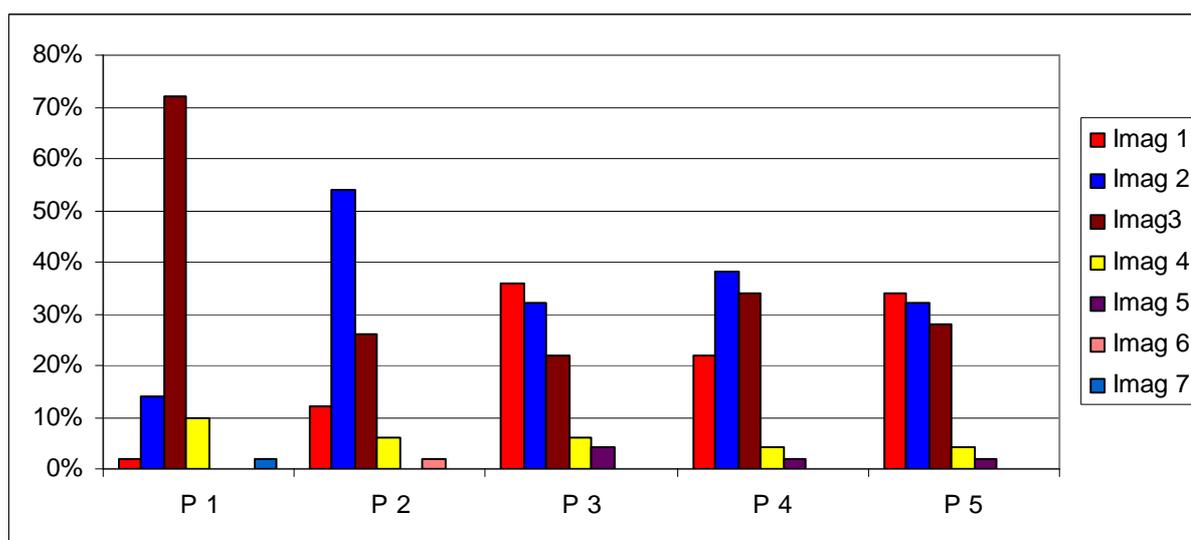


Figura I: silhueta feminina Ensino Médio.

Para a pergunta 1 (escolha uma figura que represente um homem de tamanho normal), verificamos que 72% preferiram a imagem número 3, que representa um modelo de homem forte;

Para a pergunta 2 (escolha uma figura que represente uma mulher de tamanho normal), verificamos que 54% escolheram a figura número 2, que representa uma mulher magra, mas não ao extremo, contudo mantendo a imagem que as mulheres têm de si mesmas como magras e homens como mais fortes.

Para a pergunta 3 (escolha uma figura que represente seu próprio tamanho), vimos que as mulheres acreditam ser em sua maioria relacionáveis aos tamanhos 1 e 2, mas quando perguntadas sobre a imagem que gostariam de ser (P5) apontam para figuras 1 e 2, o que vem a coincidir com o teste BSQ no que diz respeito ao nível de insatisfação com a imagem corporal, ou seja, não existe nem mesmo uma preocupação leve com a imagem corporal para esse segmento, já que se apresentam claramente satisfeitas com sua própria imagem.

Tabela VIII: silhueta masculina Ensino Médio.

Imagens	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5
1	4%	14%	24%	8%	10%
2	8%	42%	22%	14%	12%
3	62%	32%	16%	46%	52%
4	24%	8%	12%	28%	22%
5	2%	4%	20%	0%	2%
6	0%	0%	4%	4%	2%
7	0%	0%	2%	0%	0%

P1- pergunta 1, P2- pergunta 2...

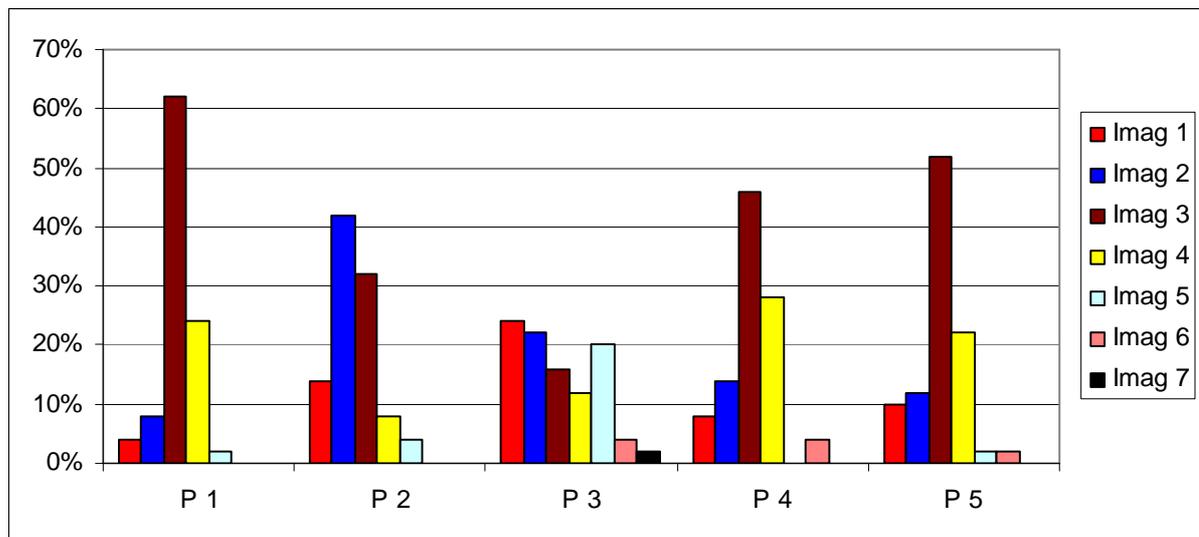


Figura II: silhueta masculina Ensino Médio.

Quanto ao público masculino, é interessante ressaltar que os sujeitos apresentam uma concepção de estética semelhante à das femininas, 62% acreditam que o tamanho normal de um homem é forte como na opção 3 e da mulher magra, mas não ao extremo, como na figura 2, entretanto quando perguntados sobre a figura que representa seu próprio corpo (pergunta de número 3) têm como opções mais votadas as figuras 1 e 2, mas com 22% de votação para a figura 5 (que representa homem mais gordo), e se ainda relacionarmos essa questão à pergunta 5 (o tamanho que você gostaria de ter) escolhem em 52%) a figura 3, ou seja, gostariam de aparentar tamanho menor. O que contradiz o teste “BSQ” quando afirma que os testados do sexo masculino não têm sequer uma leve preocupação com sua imagem.

Tabela IX: socioeconômico Ensino Médio

Classes	FEMIN	MASC
A1	0%	0%
A2	4%	5%
B1	14%	14%
B2	26%	38%
C	36%	36%
D	20%	7%

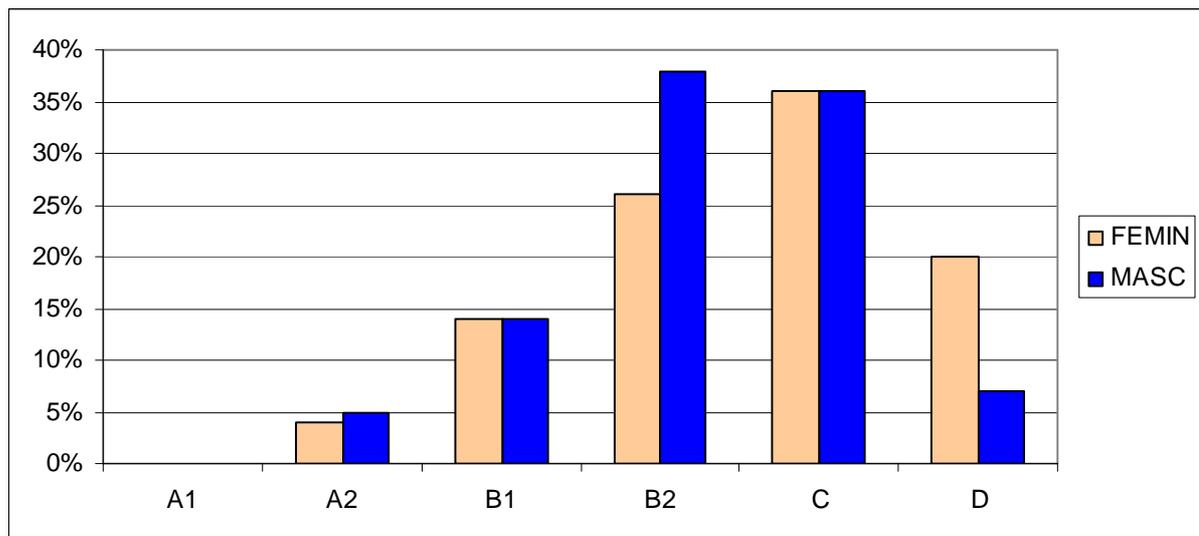


Figura III: socioeconômico Ensino Médio.

Os alunos testados no Ensino Médio encontram-se na classe B2 e C.

Tabela X: silhueta feminina Ensino Superior.

Imagens	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5
1	33%	50%	13%	33%	65%
2	38%	38%	29%	46%	27%
3	25%	13%	21%	13%	4%
4	4%	0%	21%	6%	4%
5	0%	0%	8%	2%	0%
6	0%	0%	4%	0%	0%
7	0%	0%	0%	0%	0%
8	0%	0%	4%	0%	0%

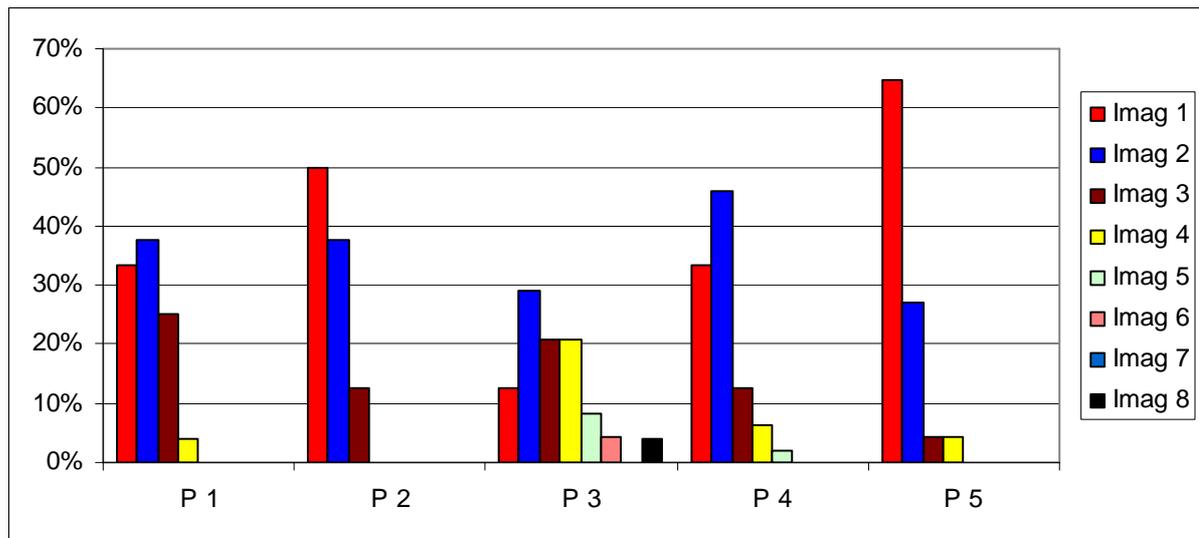


Figura IV: silhueta feminina Ensino Superior.

Para o sexo feminino no nível de Ensino Superior, quando perguntadas sobre a concepção de homem de tamanho normal (P1), 71% escolheram as figura 1 e 2, homens magros, e quanto a mulheres de tamanho normal (P2), 50% escolheram a figura 1 (que representa a mulher mais magra possível), confirmando um padrão de beleza condizente com o propagado pela mídia; e comparando o tamanho que representa seu próprio corpo (P3) com o tamanho que gostariam de ter, 50% de mulheres se acharam entre a figura 1 e 2, mas 92% gostariam na verdade de ter o tamanho da figura 1 e 2, o que significa dizer que 42% delas estão insatisfeitas com sua própria imagem, contradizendo o teste BSQ, que não aponta para quaisquer preocupações com a imagem corporal.

Tabela XI: silhueta masculina Ensino Superior.

Imagens	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5
1	13%	22%	5%	12%	22%
2	13%	34%	22%	22%	22%
3	46%	32%	37%	29%	22%
4	23%	5%	32%	29%	24%
5	5%	7%	2%	5%	7%
6	0%	0%	2%	2%	0%
7	0%	0%	0%	0%	2%

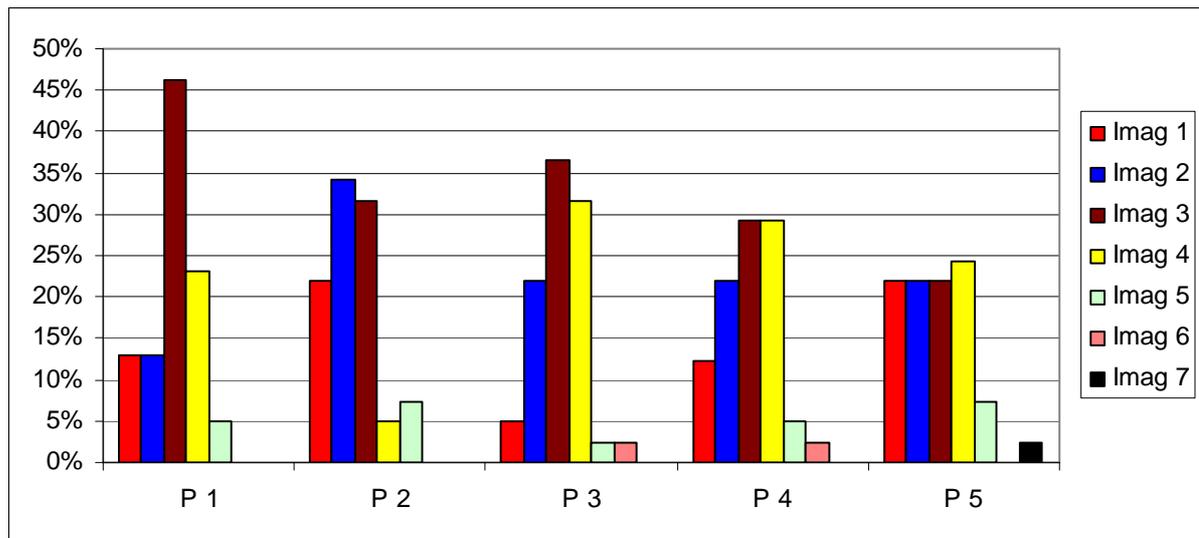


Figura V: silhueta masculina Ensino Superior.

Os homens do Ensino superior acreditam que o homem de tamanho normal correlaciona-se com a figura 3 (fortes) e as mulheres ideais estão entre a 2 e 3 (nem tão magras) e apresentam-se satisfeitos, pois têm sua própria imagem (P3) em 69% como a figura 3 e 4; e quando perguntados sobre a imagem que gostariam de ter (P5), 66% gostariam de ter a imagem correspondente às figuras 3 e 4, demonstrando assim um alto grau de satisfação com a própria imagem.

Tabela XII: socioeconômico Ensino Superior

Classes	FEM	MASC
A1	0%	0%
A2	0%	3%
B1	11%	9%
B2	24%	23%
C	42%	40%
D	18%	26%

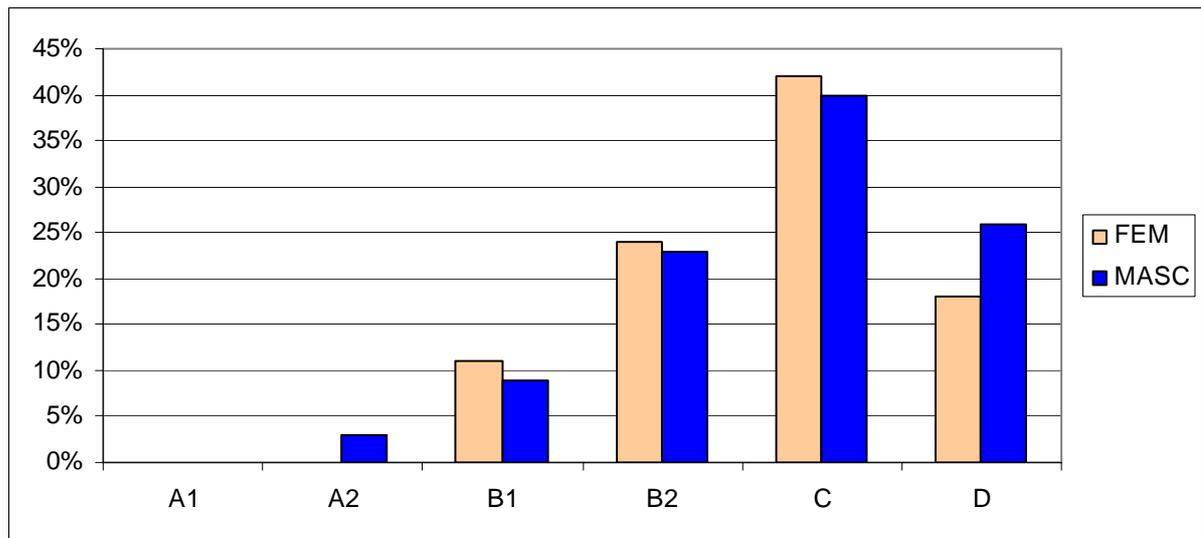


Figura VI: socioeconômico Ensino Superior.

Quanto ao nível socioeconômico, apresentam-se em sua maioria na classe C.

Tabela XIII: silhueta feminina Pós-Graduação

Imagens	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5
1	11%	36%	11%	47%	67%
2	25%	42%	22%	31%	25%
3	42%	19%	31%	11%	8%
4	19%	3%	17%	6%	0%
5	3%	0%	14%	3%	0%
6	0%	0%	6%	0%	0%
7	0%	0%	0%	0%	0%
8	0%	0%	0%	0%	0%
9	0%	0%	0%	3%	0%

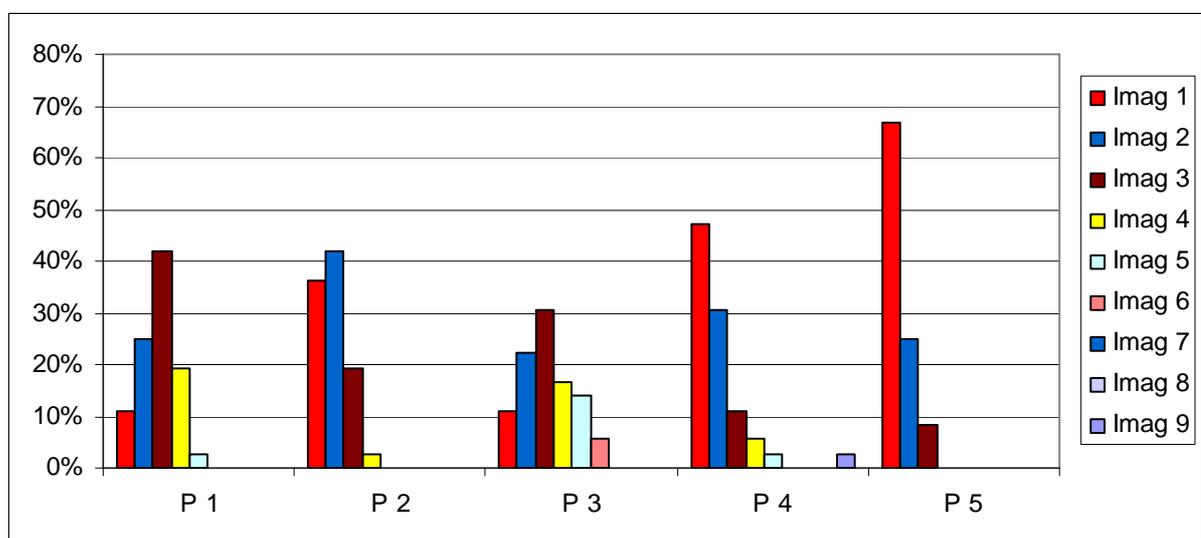


Figura VII: silhueta feminina Pós-Graduação.

Para a pergunta de número 1 (que se refere à concepção de estética para os homens), as mulheres dão preferência à figura 3 (que representa um homem forte); quando perguntadas sobre o padrão de estética para o próprio sexo, a preferência é feita em 78% para as figuras 1 e 2 (figuras mais magras), reafirmando a imagem feminina como de menor peso corporal; quando perguntadas sobre a figura que representa seu próprio tamanho, 62% se acreditam entre as figuras 3, 4, e 5 o que podemos considerar como mulheres mais gordinhas; quanto à pergunta 5 (a figura que representa o corpo que gostariam de ter), 67% escolheram a figura 1 (que representa o corpo mais magro), indicando uma enorme insatisfação com sua própria imagem e contradizendo o teste “BSQ” quando aponta para nenhuma insatisfação com o próprio corpo.

Tabela XIV: silhueta masculina Pós-Graduação.

Imagens	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5
1	6%	6%	19%	6%	6%
2	19%	38%	19%	25%	31%
3	50%	38%	25%	31%	38%
4	13%	13%	25%	25%	6%
5	13%	6%	6%	13%	19%
6	0%	0%	6%	0%	0%

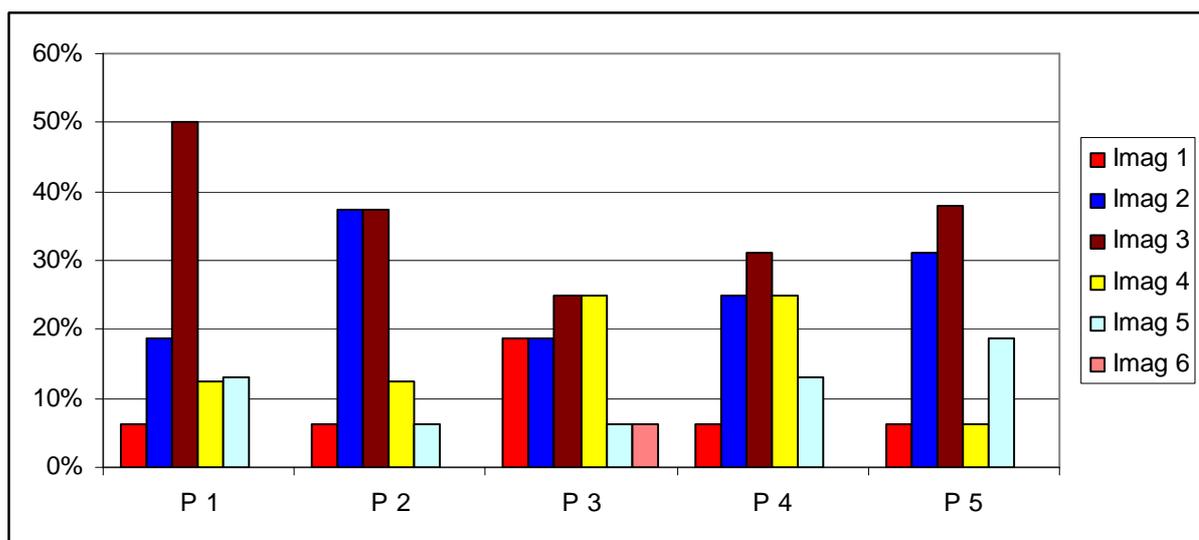


Figura VIII: silhueta masculina Pós-Graduação.

Para os homens da Pós-graduação (PG), a concepção de estética para o próprio sexo coincide com a anterior, tendo 50% que escolheram a figura 3 (homem forte); quando perguntados sobre o padrão de imagem normal para as mulheres, as opções 2 e 3, para a figura que representa seu próprio tamanho, as opções se concentraram na figura 3 e 4; e, quanto ao que gostariam de ser, as opções mais votadas foram a 2 e 3, apresentando uma pequena diferença entre o que são e o que gostariam de ser.

Tabela XV: socioeconômico Pós-Graduação.

Classes	FEM	MASC
A1		6%
A2	6%	0%
B1	11%	12%
B2	26%	18%
C	51%	53%
D	6%	12%

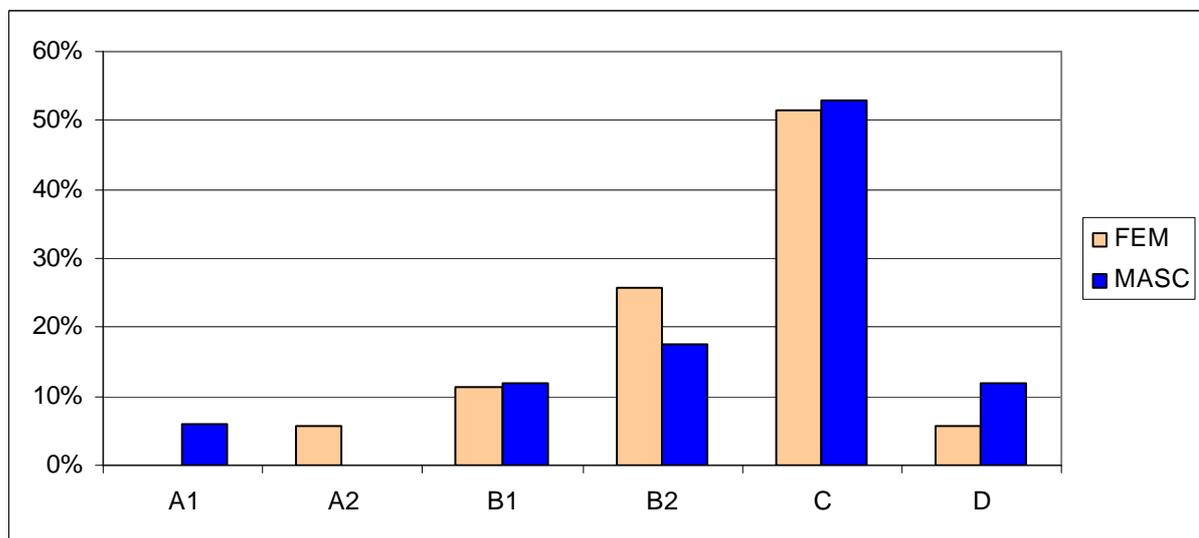


Figura IX: socioeconômico Pós-Graduação.

O teste socioeconômico demonstra que os participantes desse nível escolar encontram-se concentrados na classe C.

Tabela XVI: silhueta masculina EJA.

Imagens	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5
1	9%	11%	9%	4%	13%
2	20%	33%	22%	36%	24%
3	44%	47%	38%	18%	31%
4	18%	9%	18%	34%	22%
5	7%	0%	9%	2%	9%
6	0%	0%	4%	4%	0%
7	0%	0%	0%	0%	0%
8	2%	0%	0%	2%	0%

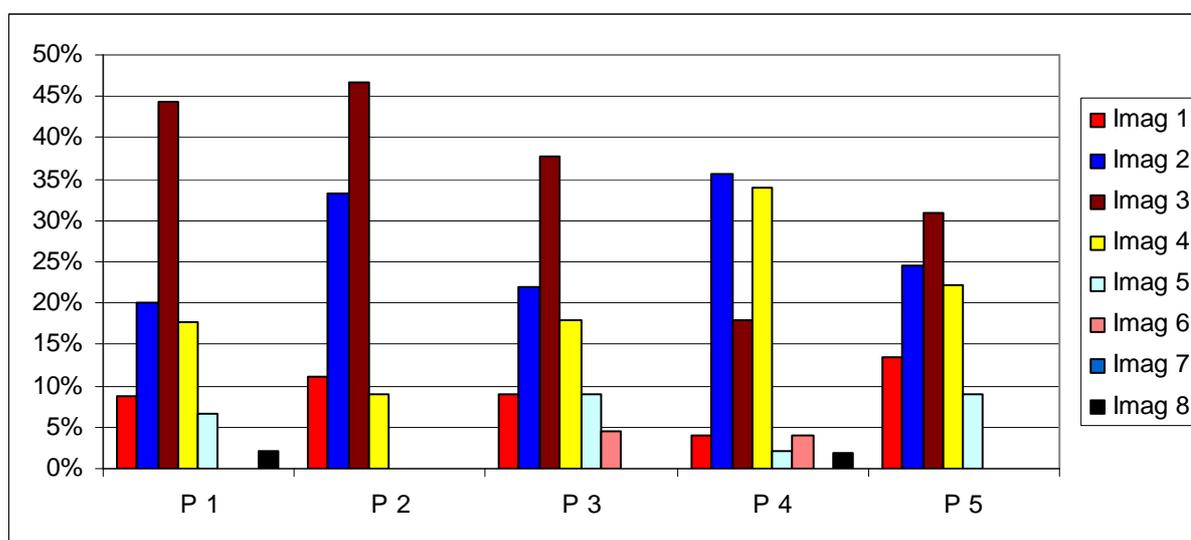


Figura X: silhueta masculina EJA.

Para o ensino médio técnico, na modalidade de jovens e adultos, temos como estereótipo de imagem corporal normal para homens e mulheres respectivamente as figuras 3 e 3; podemos deduzir que o modelo de corpo robusto não difere para os dois sexos: na opinião dos homens, quando perguntados qual a figura que representa seu próprio corpo, a figura escolhida em 38% foi a 3, e a que eles gostariam de ter 31% escolheram a 3, não apresentando diferenças entre o que são e o que gostariam de ser.

Quanto ao público feminino não foi obtida amostra significativa nessa modalidade.

Tabela XVII: socioeconômico EJA.

Classes	MASC
A1	0%
A2	4%
B1	0%
B2	4%
C	52%
D	41%

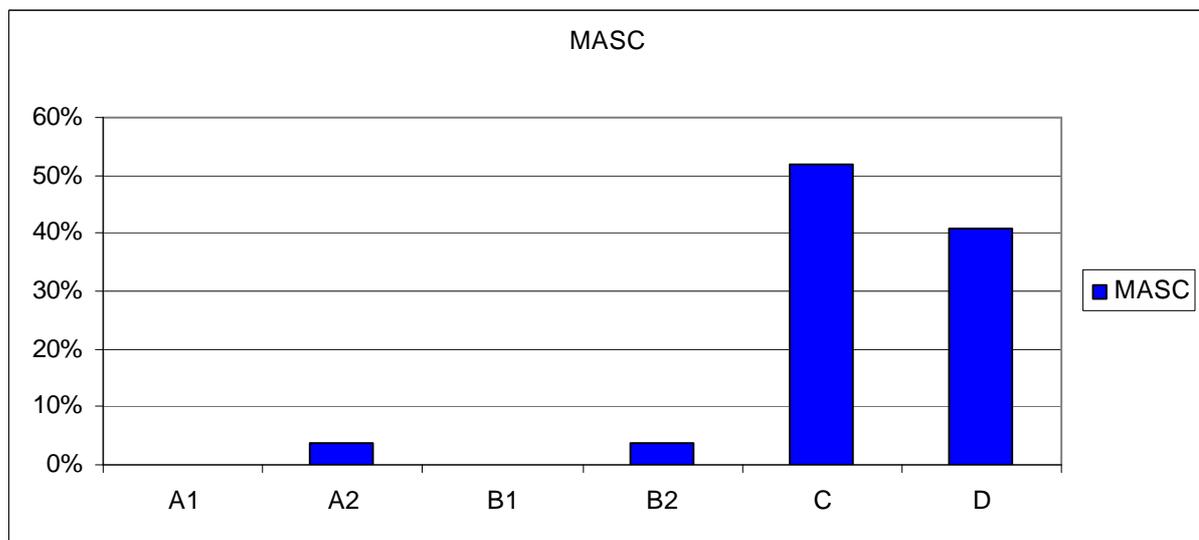


Figura XI: socioeconômico EJA.

Quanto à classe socioeconômica, 93% encontram-se nas classes C e D.

4.2.4 Discussão do teste de nove silhuetas nos grupos ensino médio, ensino superior, pós-graduação e EJA.

Foi utilizada a Escala de Desenhos de Silhuetas (Nine-Figure Outline Scale; Stunkard, Sorensen & Schulsinger, 1983), com a finalidade de avaliar a percepção e forma corporal dos quatro níveis estudados, comparando o que os sujeitos acreditam que represente homem e mulher de tamanho normal (concepção de estética) e a relação do corpo que imaginam ter com o que gostariam de ser, identificando assim se os referidos grupos têm um padrão estereotipado de beleza (que identificam o corpo da mulher bela como aquela que apresenta magreza e

menor volume, e homens como mais fortes e musculosos) e também se existe uma confiabilidade no que se refere à satisfação com a imagem corporal, abordada no teste “BSQ”.

Quanto ao item concepção de estética, os sujeitos da pesquisa do sexo feminino (EM, ES, PG), que totalizam 150 testados, demonstraram que o seu padrão de estética corrobora os padrões socialmente estabelecidos (mulheres mais magras e homens mais volumosos). Já os sujeitos do sexo masculino (EM, ES, PG) com a mostra de 150 participantes, apresentaram uma concepção de estética padronizada, segundo as normas sociais vigentes, contudo demonstrando um nível maior de flexibilidade quanto à representação da mulher normal para o grupo masculino, principalmente nos homens de maior faixa etária e nível de escolaridade, que aceitam a mulher representada com o maior volume.

Os padrões de beleza da sociedade atual prescrevem o culto ao corpo magro e jovem, tornando esse estereótipo como uma verdade absoluta, fundamentada pelas prescrições científicas, na qual a gordura é sinônimo de doença, ser obeso implica em fazer parte de uma categoria social específica e ser tratado de forma diferenciada. Estar fora dos padrões significa não provocar interesse e sofrer diante do desprezo do outro (CHABLISS; FINLEY; BLAIR, 2004). O resultado desse estudo reflete essa realidade e demonstra que o fator nível de escolaridade não interfere no sentido de criar novos questionamentos a esse respeito, mas, sim, parece reforçar o fato de que o diferente deve ser excluído do mercado de trabalho e das relações interpessoais.

Mulheres e homens aceitaram essa exclusão como normal, sem nenhum tipo de questionamento nem detalhamento dessa condição, por falta de conhecimento ou excesso de condicionamento; todos que não se submetem a esse estereótipo são anormais.

Pesquisas realizadas com mulheres e homens jovens refletem realidade semelhante; 348 meninas de 14 a 19 anos foram testadas em relação à percepção corporal, 52% se consideraram com excesso de peso, 47% se acharam obesas, embora estivessem dentro do peso ideal.

Já nesse mesmo estudo entre os 443 meninos, 19,2% se acharam em sobrepeso e dos 35 que apresentaram obesidade não se reconheceram como tal, apontando-se apenas como meninos com sobrepeso.

Decerto que as pressões sociais pesam mais sobre o sexo feminino e que o padrão estereotipado interfere nessa percepção errônea da própria forma (BRANCO, HILARIO E CINTRA, 2006).

Em adição a esses argumentos, sujeitos testados que se submetem a fortes treinamentos e têm um gasto calórico altíssimo não escapam a essa realidade. Pesquisa realizada em 12 atletas do sexo feminino, através do teste “BSQ”, demonstrou que 33% apresentaram leve distorção de imagem mesmo estando dentro de padrões ideais de gordura corporal (OLIVEIRA, BOSI, VIGARIO e VIEIRA, 2003). Vê-se como generalizada uma percepção distorcida do próprio corpo, provavelmente gerada por uma série de elementos formadores do indivíduo.

Quanto ao grupo de 100 alunos testados no presente estudo referente ao nível de Ensino Médio técnico, na modalidade de jovens e adultos constituída apenas por indivíduos do sexo masculino, apreciaram uma imagem tanto para homens como para mulheres do corpo robusto e forte, pronto para enfrentar longas jornadas tanto de trabalho como de estudo.

O grupo de alunos do Ensino Médio técnico na modalidade de jovens e adultos possui características próprias e que são relevantes para a interpretação dos resultados.

Os participantes com este nível de escolaridade apresentam como principal característica estarem inseridos no mercado de trabalho, mas, no entanto, necessitam de qualificação para continuar nesse mesmo mercado ou migrarem para novas áreas que têm uma caracterização específica de demanda. São pessoas, em sua maioria, não concluíram os estudos básicos no tempo habitual e buscam qualificação, trabalham durante o dia e estudam à noite, em sua grande parte casados e advindos de cursos noturnos.

É possível inferir que as prioridades do grupo diante de uma jornada de estudos e trabalho não sejam a beleza, mas a utilidade desse corpo nos afazeres diários.

A interpretação de testes que identificam a imagem corporal de grupos e pessoas deve ser realizada com bastante cuidado, porque a imagem corporal encontra-se em constante modificação e sofre interferências culturais, relacionando-se com a história individual de cada um e com os afetos que recebem nas relações com o mundo. Ela deve ser elaborada de acordo com as experiências obtidas dos atos e atitudes com os outros.

Os níveis de insatisfação com a imagem corporal, segundo o teste de silhuetas, no que se refere ao público feminino, possibilita inferir que no Ensino Médio não existe ainda uma preocupação relevante com a imagem corporal, mas quando analisamos os resultados dos testes do nível de insatisfação com a própria imagem de sujeitos do Ensino Superior e Pós-graduação estes apresentam um índice de insatisfação de 42% e 67%, respectivamente, contradizendo o primeiro teste “BSQ” e reafirmando que a imagem corporal na atualidade é um registro de uma cultura que possivelmente retrata os estereótipos do tempo. O corpo passa a ser “cartão de visitas” para o sucesso, para a inserção social, para a idéia momentânea de pertencimento, passaporte imprescindível para o mundo do trabalho.

Já os homens não apresentam nessa pesquisa uma grande preocupação em atenderem tão facilmente as exigências sociais.

Quanto ao nível socioeconômico, é importante ressaltar que a pesquisa se realizou no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, ensino público onde os participantes em sua maioria encontram-se nas classes C e D, o que pode ter influenciado substancialmente no estudo.

Maldonado (2006) infere que existe diferença entre classes sociais na maneira de valorizar e perceber o corpo. Assim, o corpo moldado através de ginástica e cirurgias é feito para o prazer, consumo e poder, sendo características das classes mais favorecidas. Para a classe média, o corpo propagado como belo pela mídia frustra e causa insatisfação pela dificuldade ou impossibilidade de alcançar esse mesmo modelo.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 CONCLUSÕES

A percepção que temos de nos mesmos reflete nosso percurso pela vida enquanto seres humanos.

Assim como as relações interpessoais contribuem para o processo de construção e reconstrução de nossa imagem corporal, as mudanças do corpo com o passar dos anos, peso, forma, funcionamento e ritmo, também tem sua contribuição e portanto, o processo de autonehecimento deve ser contínuo.

Merleau Ponty (1994) nos diz que a significação que ganhamos no mundo é um sistema de trocas, "um corpo que olha todas as coisas, mas que também se olha naquilo que vê".

Muitas variáveis pertencem a esse sistema de trocas, a cultura historicamente interfere de forma decisiva no comportamento da humanidade, as concepções de corpo belo, tem tendência a se moldarem diante do desejo de atingir a felicidade através do que é normal, aceitável socialmente.

Segundo Vargas (1998), o corpo é emissor e receptor de mensagem, e essa mensagem é decodificada culturalmente.

De acordo com os resultados encontrados no presente estudo, conclui-se que existem indicadores de uma percepção de estética padronizada, visto que as escolhas tanto de homens como de mulheres refletem a busca por modelos de beleza associados à magreza extrema para mulheres e corpos fortes e musculosos para homens. Esse perfil condiz com o intitulado socialmente como corpos "sarados".

Os níveis de insatisfação com a imagem corporal, não são significativos no presente estudo, entretanto identificam-se indicativos de que o sexo feminino evidencia maior preocupação com a imagem corporal. Revelando ainda diferença significativa quando os níveis de escolaridades são comparados, indicando assim que as mulheres à medida que alcançam níveis mais altos de escolaridade aumentam também a preocupação com o corpo.

Freitas (2006) afirma que a imagem é a carta de visitas para o mercado de trabalho e estar fora do modelo atual nos fragiliza diante do outro.

Quanto à relação insatisfação com a imagem corporal e as classes sociais dos sujeitos do estudo, sustenta-se a assertiva que a maior preocupação com a imagem de corpo ideal esta nas classes sociais mais altas e, sendo nossos alunos das classes C e D a preocupação com o corpo revelou-se diminuta.

De acordo com Boltanski (1979), os cuidados estéticos e a preocupação com o corpo são relacionáveis à classe social, ou seja, quanto mais elevada à classe social, maior a preocupação com a imagem corporal. O discurso em torno de uma alimentação natural pode estar ligada ao nível educacional e intelectual, tendo como aliados maiores recursos financeiros, flexibilidade de horários e autonomia. Ao contrário das classes populares, que tendem a priorizar a economia de energia para as longas jornadas de trabalho, o que se traduz numa visão utilitarista do corpo.

Independente de classe social ou gênero, a educação é um direito de todos e os profissionais de Educação Física escolar, em especial, têm o compromisso de promover conteúdos significativos para implementar os questionamentos a respeito das relações, estética e imagem corporal, saúde e qualidade de vida.

A tomada de consciência e a significação dos conteúdos fundantes de uma disciplina curricular constroem sua identidade.

Compreendendo “consciência” como o termo que deriva do latim “conscientia”, que significa saber em comum, liga-se a uma noção íntima dos atos realizados pelo próprio sujeito e que testemunham a sua intencionalidade, implicando um julgamento de si e fazendo também apelo a um conhecimento susceptível de ser partilhado com os outros” (RUI MARTINS, 2005).

As possibilidades a partir do conhecimento sobre o corpo são inúmeras. Filho, Bandeira e Jorge (2005) asseveram que, desvelar as práticas e técnicas corporais, pode-se perceber a historicidade do homem na sociedade, assim como os valores sociais, econômicos e culturais dos sujeitos. Sendo a escola a responsável pela sistematização de conhecimentos.

Responsabilidade e ética são os dois pilares que sustentam as possibilidades interventivas da Educação Física escolar, concordando com Vargas (2007), quando diz que a Educação Física é um direito de todos e a saúde um bem público e, portanto trata-se de uma questão de ética abordar tais processos interventivos. Assim a atividade física sistematizada é responsabilidade do profissional de

Educação Física, assim como transmitir informações e possibilitar conhecimentos acerca da saúde e corporeidade a fim de buscar uma vida mais plena e feliz junto a seus educandos.

Embora a escola não seja redentora da sociedade, mas sim compreendida como espaço de implementação de questionamentos e palco de intervenções fundamentadas, devem ser discutidos os conteúdos transmitidos pela disciplina Educação Física no Ensino Médio. Uma vez que emerge a necessidade de não se restringir aos temas do movimento e saúde, mas contemplar em sua prática docente discussões sobre atividades motoras e seus estereótipos, assim como a simbologia do corpo e dualidade corpo-mente, desmistificando a prática de atividades físicas e tornando o cidadão capaz de escolhê-las, segundo as suas reais necessidades.

5.2 RECOMENDAÇÕES

Os resultados e as análises permitem recomendar pontos relevantes a serem investigados finalmente com o intuito de compreender as melhores formas de propor intervenções por meio da Educação Física Escolar, assim como, o aprofundamento dessa mesma investigação.

Em estudos futuros recomenda-se:

- Testar o Índice de Massa Corpórea (IMC) dos participantes da pesquisa, para que o avaliador possa comparar as proporções concretas em relação à obesidade, ou seja, se existe discrepância entre o corpo real e o corpo ideal, ou se a insatisfação é apenas fruto de um desejo manipulado.

- Obter depoimentos dos participantes relatando suas sensações em relação a sua satisfação ou não com a sua imagem.

- Identificar qual o nível de conhecimento dos sujeitos da pesquisa em relação à saúde e à corporeidade.

- A realização de outros estudos que possibilitem relacionar as concepções de estética e níveis de satisfação com a imagem corporal e a intervenção da escola nesse processo se faz necessária para que se identifiquem maneiras de colaborar para que esse quadro de subordinação ao pensamento estereotipado seja minimizado, visto que a função da educação é fundamentalmente contribuir para a fomentação do pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed,1990.
- ALMEIDA. G. A. N.; SANTOS. J.E.; PASIAN, S.R.; LOUREIRO, S.R. **Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório**. Maringá: Psicologia em estudo, 2005.
- BANFIELD; McCABE, M.P. **An evaluation of the construct of body image**. *Adolescence*, v. 37, n.146, p. 373-393, 2002.
- BARBANTI, VALDIR. **Dicionário de educação física e esporte**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.
- BARROS, D. D. **Imagem corporal: a descoberta de si mesmo**. História, Ciência e Saúde. Manguinhos, 2005.
- BERGSTROM, R. L., NEIGHBORS, C., & LEWIS, M. A. (2004). Do men find “bony” women attractive? Consequences of misperceiving opposite sex perceptions of attractive body image. *Body Image: An International Journal of Research*, 1, 183-191.
- BEIRAS, A.; LODETTI, A.; CABRAL, A. G.; TONELI, M.J.F.; RAIMUNDO, P. **Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma**. Psicologia e sociedade. Florianópolis, SC, 2007.
- BERESFORD, H. **Uma visão sobre o valor da educação física curricular, a partir de perspectivas imaginárias e ideológicas**, 2002. *Revista Paulista de Educação Física*. SP.
- BOSI. M. L. M; LUIZ, R. R.; MORGADO, C. M. C.; COSTA, M. L. S.; CARVALHO, R. J. **Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro**. *Brasileiro de Psiquiatria*, 108,113, Rio de Janeiro, 2006.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- BRAGA, A. **Corporeidade discursiva na imprensa feminina: um estudo de editoriais**. *Em questão*. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p.109 -120, 2003.
- BRANCO, HILÁRIO, CINTRA. **Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional**. *Rev. de Psiquiatria Clínica*. São Paulo, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, DF: MEC/SEF: 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Educação Física. Brasília. DF: MEC/SEF: 1998.

CALLIGARIS. C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPAGNA. V. N.; SOUZA. A. S. L. **Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina**. Boletim de Psicologia. São Paulo, 2006.

CAVALCANTI, D. R. M. **O surgimento do conceito “corpo”**: implicações da modernidade e do individualismo. Revista eletrônica de Ciências Sociais. n. 9, p. 53-60, 2005.

COSTA, J.F. A ética democrática e seus inimigos. In: COSTA J. F. *et al.* **Ética**. Rio de Janeiro: Garamond,1997.

COSTA. E. M. B.; VENÂNCIO, S. **Atividade física e saúde**: discursos que controlam o corpo. Pensar a prática. Periódico Científico do Campo da Educação Física e Ciências do Esporte da Universidade Federal de Goiás. Goiás, 2004.

COSTA S. P. V.; GUIDOTO, E.C.; CAMARGO,T. P. P. C.; UZUNIAN, L.G.; VIEBG, R. F. **Distúrbios da imagem corporal e transtornos alimentares em atletas e praticantes de atividades físicas**. Revista Digital - Buenos Aires, 2007. Disponível em: <www.efedesportes.com>. Acesso em: 14 agosto 2008.

CHAMBLISS, H; FINLEY, C. N; BLAIR, S. N. **Attitudes toward obese individuals among Exercise Science** in Sport & Exercise, v. 36, n. 3, p. 468-474, 2004.

DAMASCENO, V. O. **Correlação entre o nível de insatisfação com a imagem corporal e perfil antropométrico de indivíduos praticantes de atividade de academia**, 2004. 77f. cap. I, I e III da Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana). Universidade Castelo Branco, 2003.

DAMASCENO, V. O.; LIMA, J. R.; VIANNA, J. M.; VIANNA, V. R. A.; NOVAES, J. S. **Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada**. Revista Brasileira de Medicina no Esporte, v.11, n. 3, maio/junho, São Paulo, 2005.

DAMICO, J. G. S. **O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados**. Movimento. Porto Alegre, v.13, n. 01, p.93-117, 2007.

DARIDO, S.C. A Educação Física na Escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Rev. Brasileira de Educação Física**, São Paulo, 2004.

DE LUCIA, M. C. S. As exigências da plástica atual e suas vicissitudes. **Anais do I Congresso Interamericano de Psicologia e Saúde**. São Paulo. 2001.

DI FOGGI, T. L. **O professor de Educação Física e sua cultura**. Revista Digital - Buenos Aires – n. 92, 2006. Disponível em: <www.efedesportes.com>. Acesso em: 02 junho 2008.

DI PIETRO, M.C. **Validade Interna, dimensionalidade e desempenho da escala “Body Shape Questionnaire”**. Dissertação de Mestrado. Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, 2001.

DUTRA, A. C. R. SANTOS, J. F. S. GELSLEICHTER, M. G. SILVA JR, N. **Educação física e sociedade de consumo**. Revista Digital - Buenos Aires n. 104, 2007. Disponível em: <www.efedesportes.com>. Acesso em: 20 junho 2008.

ECTCHEPARE, L.S.; PEREIRA, E.F.; ZINN, J. L. Educação física nas séries iniciais do ensino fundamental na cidade de Santa Catarina. **Revista Kinesis**, RS, Santa Maria. v. 28, n. 01, p. 38-52, 2003.

FERREIRA, V. A.; MAGALHÃES, R. **O corpo cúmplice da vida: considerações a partir dos depoimentos de mulheres obesas de uma favela carioca**. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2006.

FIGUEIRA, M. L. M. A Revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003, p.125-135.

FILHO, A. L.; BANDEIRA, L. B.; JORGE, A. C. A Educação do corpo em ambientes educacionais. **Pensar a prática**, Goiás, 2005.

FOUCAULT, **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. Graal: Rio de Janeiro, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, N. K, **Corpo, imagem corporal, educação e sociedade: tramas conceituais**. Revista Espaço Acadêmico. n. 57, 2006. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br>. Acesso em: 05 de julho 2008.

GASPARIN. J.L. **Uma didática para a pedagogia Histórico Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2003.

GENTA - **Grupo de Estudos em Nutrição e Transtornos Alimentares**. Disponível em: <<http://www.genta.org.br>>. Acesso em: junho de 2002

GOLDENBERG, M. **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Gênero e corpo na cultura Brasileira.** Psicologia Clinica. Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, G. R.; CARAMACHI, S. **Valorização de beleza e inteligência por adolescentes de diferentes classes sociais.** Rev. Psicologia em Estudo, Maringá, 2007.

GONÇALVES, A. S. AZEVEDO A. A. **Re-significação do corpo pela educação física escolar, face a esteriótipos construídos na contemporaneidade.** Pensar a prática, Goiás, 2007.

HILDEBTANDT-STRAMANN, R. Quais os rumos da Educação Física? In: KUNZ, E; HILDEBRANDT-STRAMANN, R. (orgs). **Intercâmbios Científicos Internacionais em Educação Física.** Ijuí: Unijuí, 2004.

JOÃO, R.B.; BRITO, M. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. **Rev. Brasileira de Educação Física**, SP, 2004.

JUNIOR, G. L.; RAMOS, G. N. S.; COUTO, Y. A. A motricidade na escola: da abordagem comportamental à Fenomenologia. **Revista Corpociência**, Santo André, 2003.

KATZ, C. S; KUPERMANN, D.; MOSE, V. (orgs). **Beleza, feiúra e psicanálise.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.

KAKESHITA, I. S.; ALMEIDA, S. S. Relação entre índice de massa corpórea e a percepção de auto-imagem em universitários. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 3. São Paulo, 2006.

KRAVCHYCHYN, C.; BERTAN. L, CARDOSO. S. M. V. A conquista da Autonomia para a atividade física: uma missão para a Educação Física Escolar. **Revista Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, jul/dez, Maringá, 2007.

KUPERMANN, D. Fascinação da Feiúra. In: **Beleza, feiúra e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Contracapa, p. 39-48, 2004.

LABRE, M. P. Adolescent boys and the muscular male body ideal. **Journal of Adolescent Health**, v.30, p. 233-242, 2002.

LACERDA, T. O.; QUEIROZ, P. **Desporto, corpo e estética – Sinais de expressão da cultura contemporânea ocidental.** VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, setembro, 2004.

LAVISOLO, H. R. **Educação Física.** A arte da mediação. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

LEAL, J.R.B. **Estudos descritivos do perfil da composição corporal dos alunos ingressos do CEFET-Campos**. Trabalho monográfico (Pós-Graduação Lato Sensu em Treinamento Desportivo), 2004.

LEITE, I. T. R.; LIMA, M. **Recriando o corpo feminino**: sedução, fantasia e ideal de beleza. Pernambuco: UFPE, 2006.

LIMA, F. M.; DINIZ, N. F. **Corpo e gênero nas práticas escolares de educação física**. Currículo sem Fronteiras, v. 7, n.1, p. 43-252, 2007. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org>.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUDORF, S. M. A. A prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários. **Pensar a Prática**, Goiás, 2005.

MCKAY, J.; MIKOSZA, J.; & HUTCHINS, B. "Gentlemen, the lunchbox has landed". Representations of masculinities and men's bodies in the popular media. In R. W. Connell & M. Kimmel (Eds). **Handbook of Studies on Men and Masculinities** (pp. 270-288). CA, Thousand Oaks, 2005.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (org). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARSILLAC, A. L. M.; SOUZA, E. L. A. **Corpo e imagem**: excesso em deslocamento. São Paulo: Imaginário, 2006.

MARZINEK, A. NETO, A. F. **A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física**. Revista Digital - Buenos Aires n. 105, 2007. Disponível em: <www.efedesportes.com>. Acesso em: 02 agosto 2008.

MARTINS, GILBERTO DE ANDRADE. Estatística geral e aplicada. SP. Atlas, 2001.

MARTINS, R. **O corpo que (dês) conhecemos**. Corpo e Motricidade na construção da identidade Lisboa, SIG-Sociedade Industrial Gráfica, 2005.

MATTOS e NEIRA. **A Educação Física na adolescência**: Construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte, 2002.

_____. **A Educação Física cuida do corpo e ... "mente"**. 19. ed. Campinas: Papirus, 2004.

MENDES, E. D.; PROCHNO, C.C.S.C. Corpo e novas formas de Subjetividade. **Psyche**. São Paulo v. 8, n.15, 2004.

MENEZES. **Estudos das alterações na expressão da corporeidade de alunos praticantes de educação física escolar**. Revista digital – Buenos Aires, n.105, 2007. Disponível em: <www.efedesportes.com>. Acesso em: 4 de julho 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MALDONADO, G. R. A. Educação Física e o adolescente: a imagem corporal e a estética da transformação na mídia impressa. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2006.

MORENO, R. M.; MACHADO, A. Re-significação do esporte na Educação Física: uma perspectiva crítica. **Revista Movimento e Percepção**, São Paulo, Espírito Santo de Pinhal, v. 6, n. 8, 2006.

MORENO, B. S; POLATO, A. L. O aluno e seu corpo nas aulas de Educação Física: apontamentos para uma reflexão sobre a vergonha e a mídia. **Revista Movimento e Percepção**, São Paulo, Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 8, 2006.

NEIRA, M.G.; GALHARDO, J.S.P. Conhecimento da cultura corporal de crianças escolarizadas: a investigação como fundamental para o currículo. **Motriz. Revista de Educação Física**. UNESP; v. 12, n. 1, 2006.

OLIVEIRA. Rodrigues. Luiza; **O sujeito como interface na escola que reproduz e que transforma**. Tese de doutorado em Educação, Faculdade de Educação de São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, F. P.; BOSI, M. L. M., VIGÁRIO, P. S.; VIEIRA, R.S. Comportamento alimentar e imagem corporal em atletas. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 9, n. 6, São Paulo, 2003.

OLIVEIRA. V. M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

PAIM, M.C. C. STREY. M. N. **Percepção de corpo da mulher que joga futebol**. Revista digital. Buenos Aires, n. 85, 2005. Disponível em: <www.efedesportes.com>. Acesso em: 01 de junho 2008.

PEREIRA. F.: Nível médio de Ensino, Educação Física e Conhecimento. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, 2000.

PERETI, E. S.; SILVA, A. M. A técnica moderna e o corpo do desafio. **Pensar a Prática**, n.181-195, Goiás, 2005.

PINHEIRO, A. P.; GIUGLIANI, E. R. J. Body dissatisfaction in Brazilian School children prevalence and associated factors. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 40, n. 3, junho, 2006.

PINTO, R. N. **A educação do corpo e o processo civilizatório**: a formação de "estátuas pensantes". Conexões, v. 2, n. 2, 2004. Disponível em: <www.fef.unicamp.br/conexões>. Acesso em: 12 junho 2008.

POPE Jr.; H. G; PHILLIPS, K. A.; OLIVARDIA, R. **O complexo de Adônis: Obsessão masculina pelo corpo**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RICCIARDELLI, .A; Mc CABE, .P; BANFIELD, S. Body image and body methods in adolescent boys role of parents, friends and the media. **Journal Psychomatic Research**, v. 49, p.189-97, 2000.

RODRIGUES, D. **O corpo que (des)conhecemos**. Corporeidade e exclusão. Lisboa, SIG-Sociedade Industrial Gráfica, 2005.

RUSSO. R. **Imagem corporal: construção através da cultura do belo**. Movimento e Percepção. São Paulo, Espírito Santo do Pinhal, v. 5, n. 6, 2005.

SAIKALI, C. J.; SOUBHIA, C. S.; SCALFARO, B. M.; CORDÁS, T. A. Imagem corporal nos transtornos alimentares. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 31, n. 4, 2004.

SANTIN, S. **Educação física: Temas Pedagógicos**, 2. ed. Porto Alegre: EST, 2001.

_____. **Educação física: Uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijuí, 2003.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da Psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCOPEL, E. J. e BARTILOTTI, C. **Reflexões sobre o corpo como modo de ser no mundo**, 2006. Disponível em: <www.psicologia.com.pt>. Acesso em: 02 agosto 2008.

SERRA, G. M. A; SANTOS, E. M. Saúde e Mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v.8, n.3, p. 691-701, Manguinhos, 2003.

SERGIO, M., **Um objeto de estudo: a Motricidade Humana**. Campinas/SP: Papyrus, 1989.

_____. **Um corte epistemológico**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

_____. **O corpo que (des)conhecemos: uma reflexão sobre o corpo**. Lisboa, SIG-Sociedade Industrial Gráfica, 2005.

STENZEL, L. Psicologia da obesidade. **Revista da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade-ABESO**. São Paulo, 2004.

STUNKARD, A. J.; SORENSEN, T. & SCHULSINGER, F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In: Kety, S.S.; Rowland, L.P.; Sidman, R.L. & Matthysse, S.W. **The Genetics of Neurological and Psychiatric Disorders**. New York: Raven Press, pp. 115-120, 1983.

SUDO, N.; LUZ, M. T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, 2007.

TAVARES, M. C. F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. São Paulo: Manole, 2003.

THOMAS, J. R.; E NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRICHES, R. M.; GIUGLIANI E. R. J. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da Região Sul do Brasil. **Revista Nutrição**. Campinas, v. 20, n. 2, 2007.

TOJAL, J. B. **Motricidade humana: o paradigma emergente**. Campinas: Unicamp, 1994.

VANNUCHI, C. Bonita, eu? Pesquisa mostra que brasileiras estão entre as mais insatisfeitas com a aparência. **Isto é**. São Paulo, n.1826, p. 68, out 2004.

VARGAS, A. S. **Reflexões sobre o corpo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

_____. **Ética. Ensaio sobre Educação Física Saúde Social e Esporte**. Rio de Janeiro: Leccsu, 2007.

VEIGA, A. P. **A instituição da beleza no universo feminino**. IGT na Rede, Rio de Janeiro, n. 5, v. 3, 2006.

VIANNA, C. S. M. **Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos**, 2005. Disponível em: <www.direioinformatico.org>. Acesso em: 12 maio 2008.

VIEIRA, F. R. **Efeitos da atividade física em academias na imagem corporal de obesos**. Rio de Janeiro, 2004.

ZANIN, M. O.; AGUIAR, C. M., MORELLI, G. M. **Cultura, corpo e natureza**. Algumas relações. Revista Digital - Buenos Aires, n. 93, 2006. Disponível em: <www.efedesportes.com>. Acesso em: 04 junho.2008.

ZOBOLI, F. SILVA, R. I. BORDAS, M. A. G. **Cisão corpo/mente na escola: uma análise a partir da epistemologia social**. Campinas, Educação Temática Digital, v.8, n.1, pp. 22-30, 2006. Disponível em: <www.fal.unicamp.br>. Acesso em: 14 junho 2008.

ZOBOLI, F. LAMAR, A.R. Escola, corpo e relações de poder. **Revista Faced**, Bahia, n. 8, 2004.

ANEXOS

FICHA CADASTRAL

Nome Completo:.....

Data de Nasc:/..... /.....

Endereço

CEP:.....

E-mail:.....

Nome do Curso que esta matriculado no CEFET –Campos.....

Nível de escolaridade:.....

Fumante:.....

Possui alguma doença:.....

Medicamentos:.....

Atividade Física atual:.....

RESULTADO DO BSQ

ESCORE DO BSQ.....

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Pesquisa
Concepções de estética e satisfação com a imagem corporal: uma relação de gênero e nível de escolaridade

Coordenador Prof. Dr. Estélio H. M. Dantas (estelio@cobrase.org.br)

Pesquisador Responsável: Júlia de Fátima Ribeiro Gama Email:

juliargama@gmail.com Telefone: (22) 99151009

Prezado Senhor (a):

O Mestrando Júlia de Fátima Ribeiro Gama, Registro: 001401-G/RJ, do **Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana – PROCIMH**, da Universidade Castelo Branco (UCB-RJ), pretende realizar um estudo com as seguintes características:

Concepções de estética e satisfação com a imagem corporal: uma relação de gênero e nível de escolaridade.

Tendo como objetivo do estudo levantar indicadores que possibilitem identificar os níveis de satisfação da imagem corporal e compará-los às concepções de estética de estudantes do Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos dos Goytacazes conforme os níveis de escolaridade, gênero e socioeconômico.

A pesquisa tem como proposta acrescentar mais informações acerca deste importante tema, com o objetivo de fornecer subsídios teóricos para compreender quais as concepções de corpo de homens e mulheres e se essas se modificam conforme mudança de nível de escolaridade, assim como se estão relacionadas à sua autoimagem, para então estruturar novas propostas de intervenção, no que diz respeito à corporeidade, através da Educação Física Escolar.

No presente estudo, serão realizados três questionários: questionário que identifica os níveis de satisfação com a imagem corporal; outro que identifica as concepções de estética; e um questionário de nível socioeconômico.

Os benefícios possíveis se darão à medida que os processos interventivos dentro da Educação Física Escolar poderão ser redimensionados.

Em qualquer fase do estudo você terá pleno acesso aos profissionais responsáveis pelo mesmo nos locais e telefones indicados. Em caso de dúvidas ou perguntas, queira manifestar-se em qualquer momento, para explicações adicionais, dirigindo-se a qualquer um dos pesquisadores.

Sua participação neste estudo é absolutamente voluntária.

Dentro desta premissa, todos os participantes são absolutamente livres para, a qualquer momento, negar o seu consentimento ou abandonar o programa, se assim o desejar, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização.

Mediante a sua aceitação, espera-se que compareça nos dias e horários marcados e, acima de tudo, siga as instruções determinadas pelo pesquisador responsável, quanto à segurança durante a realização das avaliações e/ou procedimentos de intervenção.

Os dados colhidos na presente investigação serão utilizados para subsidiar a confecção de artigos científicos, mas os responsáveis garantem a total privacidade e estrito anonimato dos participantes, quer no tocante aos dados, quer no caso de utilização de imagens, ou outras formas de aquisição de informações.

Estão garantidas, desde já a confidencialidade, a privacidade e a proteção da imagem e a não estigmatização, escusando-se de utilizar as informações geradas pelo estudo em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio ou de quaisquer outras formas de discriminação.

Os dados específicos colhidos de cada ente participante, no transcurso da presente pesquisa, ficarão total e absolutamente disponíveis para consulta, bem como asseguramos a necessária interpretação e informações cabíveis sobre os mesmos. Os resultados a que se chegar ao término do estudo lhe serão fornecidos, como uma forma humana de agradecimento por sua participação voluntária.

Despesas e Compensações: As despesas porventura acarretadas pela pesquisa serão de responsabilidade da equipe de pesquisas. Não havendo por outro lado qualquer previsão de compensação financeira.

Após a leitura do presente Termo, e estando de posse de minha plenitude mental e legal, declaro expressamente que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2008.

Assinatura do Participante ou Representante Legal-----

Nome Completo:-----

Identidade nº -----CPF nº-----

Em atendimento à Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, o presente Termo é confeccionado e assinado em duas vias, uma de posse do avaliado e outra que será encaminhada ao Comitê de Ética da Pesquisa (CEP) da Universidade Castelo Branco (UCB-RJ).

Questionário sobre a imagem corporal

Gostaríamos de saber como você vem se sentindo em relação à sua aparência nas últimas quatro semanas. Por favor, leia cada questão e faça um círculo apropriado. Use a legenda abaixo:

- | | |
|--------------|-------------------------|
| 1. Nunca | 4. Frequentemente |
| 2. Raramente | 5. Muito frequentemente |
| 3. Às vezes | 6. Sempre |

IDADE----- GÊNERO----- ESTADO CIVIL-----

ESCOLARIDADE----- ASPIRAÇÃO PROFISSIONAL-----

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. Sentir-se entediada(o) faz você se preocupar com sua forma física? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. Você tem estado tão preocupada(o) com sua forma física a ponto de sentir que deveria fazer dieta? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. Você acha que suas coxas, quadril ou nádegas são grandes demais para o restante de seu corpo? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Você tem sentido medo de ficar gorda(o) ou mais gorda(o)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Você se preocupa com o fato de seu corpo não ser suficientemente firme? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Sentir-se satisfeita(o) (por exemplo após ingerir uma grande refeição) faz você sentir-se gorda(o)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. Você já se sentiu tão mal a respeito do seu corpo que chegou a chorar? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. Você já evitou correr pelo fato de que seu corpo poderia balançar? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. Estar com mulheres (homens) magras(os) faz você se sentir preocupada(o) em relação ao seu físico? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. Você já se preocupou com o fato de suas coxas poderem espalhar-se quando se senta? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. Você já se sentiu gorda(o), mesmo comendo uma quantidade menor de comida? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. Você tem reparado no físico de outras pessoas de seu | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

mesmo sexo e, ao se comparar, sente-se em desvantagem?

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 13. Pensar no seu físico interfere em sua capacidade de se concentrar em outras atividades (como por exemplo, enquanto assiste à televisão, lê ou participa e uma conversa)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. Estar nua (nu), por exemplo, durante o banho, faz você se sentir gorda(o)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. Você tem evitado usar roupas que a fazem notar as formas do seu corpo? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. Você se imagina cortando fora porções de seu corpo? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. Comer doce, bolos ou outros alimentos ricos em calorias faz você se sentir gorda(o)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18. Você deixou de participar de eventos sociais (como, por exemplo, festas) por sentir-se mal em relação ao seu físico? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19. Você se sente excessivamente grande e arredondada(o)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20. Você já teve vergonha do seu corpo? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 21. A preocupação diante do seu físico leva você a fazer dieta? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 22. Você se sente mais contente em relação ao seu físico quando de estômago vazio (por exemplo: pela manhã)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 23. Você acha que seu físico atual decorre de uma falta de autocontrole? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 24. Você se preocupa que outras pessoas possam estar vendo dobras na sua cintura ou estômago? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 25. Você acha injusto que as outras pessoas do seu mesmo sexo sejam mais magras que você? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 26. Você já vomitou para se sentir mais magra(o)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 27. Quando acompanhada(o), você fica preocupada(o) em estar ocupando muito espaço (por exemplo, sentado num sofá ou no banco de um ônibus)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 28. Você se preocupa com o fato de estarem surgindo dobrinhas em seu corpo? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 29. Ver seu reflexo (por exemplo, num espelho ou na | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

vitrine de uma loja) faz você sentir-se mal em relação ao seu físico?

30. Você belisca áreas de seu corpo para ver o quanto há de gordura? 1 2 3 4 5 6

31. Você evita situações nas quais as pessoas possam ver seu corpo (por exemplo: vestiários ou banhos de piscina)? 1 2 3 4 5 6

32. Você toma laxantes para se sentir magra(o)? 1 2 3 4 5 6

33. Você fica particularmente consciente do seu físico quando em companhia de outras pessoas? 1 2 3 4 5 6

34. A preocupação com seu físico faz-lhe sentir que deveria fazer exercícios? 1 2 3 4 5 6

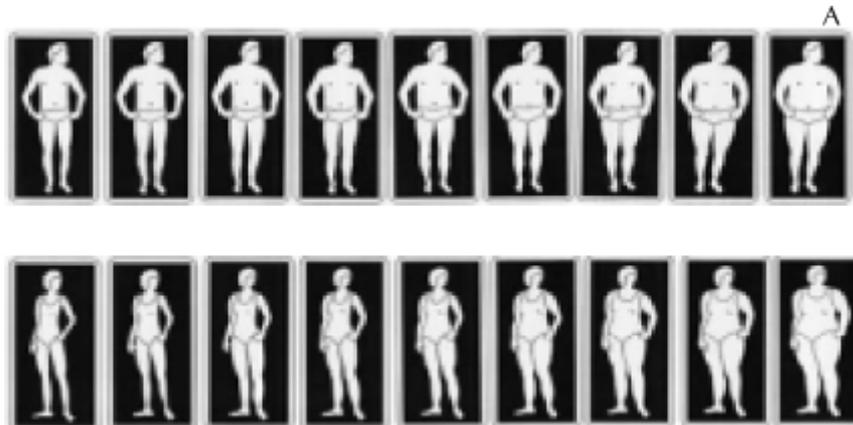
Resultado:

Menos de 110 pontos: Você tem quase nenhuma preocupação com a sua aparência.

Entre 111 e 138: a sua preocupação com a aparência é leve.

Entre 139 e 167: Você tem uma preocupação moderada com sua aparência.

De 168 para cima: Você se preocupa além da conta com a sua aparência e talvez sofra de algum distúrbio relacionado a este assunto. É recomendável que você procure a ajuda de especialista

Questionário Escala de Desenhos de Silhuetas

- 1) Escolha uma figura que represente um homem de tamanho normal;
- 2) Escolha uma figura que represente uma mulher de tamanho normal;
- 3) Escolha uma figura que represente o seu próprio tamanho;
- 4) Escolha uma figura que represente um tamanho que você acredita que pode alcançar se quiser mudar o seu peso;
- 5) Escolha uma figura que represente um tamanho que, na verdade, você gostaria de ter.

Será verificado através dessa testagem se existe um padrão de estética homogeneizado entre os diferentes níveis de escolaridade analisados.

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL SOCIOECONÔMICO

1- Qual a escolaridade do chefe da casa?

- () Analfabeto;
 () Ensino fundamental incompleto;
 () Ensino fundamental completo / ensino médio completo
 () Ensino médio completo / ensino superior incompleto
 () Ensino superior completo

Pontos:_____

2- Por favor, assinale o número de pertences em sua casa

Itens	0	1	2	3	4	5	6 ou mais
TV							
Rádio							
Banheiro							
Empregada Fixa							
Aspirador de pó							
Máquina de lavar roupa							
Automóvel							
Computador							
Acesso a internet discada							
Acesso a internet banda larga							

Pontos:_____

Nível Socioeconômico

Total de Pontos:_____

Classe Social:_____



Termo de Informação à Instituição



Título	Concepções de estética e satisfação com a imagem corporal: uma relação de gênero e nível de escolaridade
Coordenador	Coordenador Prof. Dr. Estélio H. M. Dantas (estélio@cobrase.org.br)
Pesquisador Responsável	Julia de Fátima Ribeiro Gama (juliargama@gmail.com)

Prezado Senhor(a):

O Mestrando Júlia de Fátima Ribeiro Gama, Registro: 001401-G/RJ, do **Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana – PROCIMH**, da Universidade Castelo Branco (UCB-RJ), pretende realizar um estudo sobre “**As concepções de estética e satisfação com a imagem corporal conforme níveis de escolaridade**”.

A pesquisa pretende estudar os alunos de diferenciados níveis de escolaridade dessa instituição, tendo como objetivo do estudo, levantar indicadores que possibilitem identificar os níveis de satisfação da imagem corporal e compará-los às concepções de estética de estudantes do Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos dos Goytacazes conforme os níveis de escolaridade, gênero e socioeconômico.

No presente estudo, serão realizados: uma ficha cadastral com anamnese inicial (ANEXO A) e três questionários (ANEXO C, D e E).

Os interessados irão preencher uma ficha cadastral que terá algumas informações pessoais, como: idade, nome, endereço, nome do curso que esta cursando no CEFET Campos.

O questionário BSQ, adaptado e validado por Di Pietro et al. (2001), será utilizado de forma direta como objetivo da pesquisa quanto à satisfação com a imagem corporal.

O teste **Escala de Desenhos de Silhuetas** (Nine-Figure Outline Scale; Stunkard, Sorensen & Schulsinger, 1983), com a finalidade de avaliar a percepção de tamanho e forma corporal.

Será também utilizado questionário elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), critério de classificação econômica Brasil.

A participação dos sujeitos neste estudo é absolutamente voluntária. Dentro desta premissa, todos os participantes são absolutamente livres para, a qualquer momento, negar o seu consentimento ou abandonar o programa, se assim o desejar, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização.

Os dados colhidos na presente investigação serão utilizados para subsidiar a confecção de artigos científicos, mas os responsáveis garantem a total privacidade e estrito anonimato dos participantes, quer no tocante aos dados, quer no caso de utilização de imagens, ou outras formas de aquisição de informações. Estão garantidas, desde já, a confidencialidade, a privacidade e a proteção da imagem e a não estigmatização, escusando-se de utilizar as informações geradas pelo estudo em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio ou de quaisquer outras formas de discriminação.

Os responsáveis por meio deste isentam a Instituição de qualquer responsabilidade civil ou criminal por fatos estritamente decorrentes realização da pesquisa referenciada no *caput* do presente termo.

As despesas porventura acarretadas pela pesquisa serão de responsabilidade da equipe de pesquisas.

Após a leitura do presente Termo, dou meu consentimento legal para realização do estudo na entidade sob minha responsabilidade jurídica.

Campos dos Goytacazes, _____ de _____ de 2008.

Assinatura do Participante ou Representante Legal			
Nome Completo (legível)			
Identidade nº		CPF nº	

Razão Social			
CNPJ nº		Inscrição nº	

Testemunhas:

Em atendimento à Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, o presente Termo é confeccionado e assinado em duas vias, uma de posse da Instituição onde ocorrerá a pesquisa e outra que será encaminhada ao Comitê de Ética da Pesquisa (CEP) da Universidade Castelo Branco (UCB-RJ)

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE
RESOLUÇÃO Nº 196 DE 10 DE OUTUBRO DE 1996

O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Ordinária, realizada nos dias 09 e 10 de outubro de 1996, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, e pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990,

RESOLVE:

Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos:

I - PREÂMBULO

A presente Resolução fundamenta-se nos principais documentos internacionais que emanaram declarações e diretrizes sobre pesquisas que envolvem seres humanos: o Código de Nuremberg (1947), a Declaração dos Direitos do Homem (1948), a Declaração de Helsinque (1964 e suas versões posteriores de 1975, 1983 e 1989), o Acordo Internacional sobre Direitos Cívicos e Políticos (ONU, 1966, aprovado pelo Congresso Nacional Brasileiro em 1992), as Propostas de Diretrizes Éticas Internacionais para Pesquisas Biomédicas Envolvendo Seres Humanos (CIOMS/OMS 1982 e 1993) e as Diretrizes Internacionais para Revisão Ética de Estudos Epidemiológicos (CIOMS, 1991). Cumpre as disposições da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e da legislação brasileira correlata: Código de Direitos do Consumidor, Código Civil e Código Penal, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Orgânica da Saúde 8.080, de 19/09/90 (dispõe sobre as condições de atenção à saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes), Lei 8.142, de 28/12/90 (participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde), Decreto 99.438, de 07/08/90 (organização e atribuições do Conselho Nacional de Saúde), Decreto 98.830, de 15/01/90 (coleta por estrangeiros de dados e materiais científicos no Brasil), Lei 8.489, de 18/11/92, e Decreto 879, de 22/07/93 (dispõem sobre retirada de tecidos, órgãos e outras partes do corpo humano com fins humanitários e científicos), Lei 8.501, de 30/11/92 (utilização de cadáver), Lei 8.974, de 05/01/95 (uso das técnicas de engenharia genética e liberação no meio ambiente de organismos geneticamente modificados), Lei 9.279, de 14/05/96 (regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial), e outras.

Esta Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

O caráter contextual das considerações aqui desenvolvidas implica em revisões periódicas desta Resolução, conforme necessidades nas áreas tecnocientífica e ética.

Ressalta-se, ainda, que cada área temática de investigação e cada modalidade de pesquisa, além de respeitar os princípios emanados deste texto, deve cumprir com as exigências setoriais e regulamentações específicas.

II - TERMOS E DEFINIÇÕES

A presente Resolução, adota no seu âmbito as seguintes definições:

II.1 - Pesquisa - classe de atividades cujo objetivo é desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável. O conhecimento generalizável consiste em teorias, relações ou princípios ou no acúmulo de informações sobre as quais estão baseados, que possam ser corroborados por métodos científicos aceitos de observação e inferência.

II.2 - Pesquisa envolvendo seres humanos - pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais.

II.3 - Protocolo de Pesquisa - Documento contemplando a descrição da pesquisa em seus aspectos fundamentais, informações relativas ao sujeito da pesquisa, à qualificação dos pesquisadores e a todas as instâncias responsáveis.

II.4 - Pesquisador responsável - pessoa responsável pela coordenação e realização da pesquisa e pela integridade e bem-estar dos sujeitos da pesquisa.

II.5 - Instituição de pesquisa - organização, pública ou privada, legitimamente constituída e habilitada na qual são realizadas investigações científicas.

II.6 - Promotor - indivíduo ou instituição, responsável pela promoção da pesquisa.

II.7 - Patrocinador - pessoa física ou jurídica que apoia financeiramente a pesquisa.

II.8 - Risco da pesquisa - possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente.

II.9 - Dano associado ou decorrente da pesquisa - agravo imediato ou tardio, ao indivíduo ou à coletividade, com nexos causal comprovado, direto ou indireto, decorrente do estudo científico.

II.10 - Sujeito da pesquisa - é o(a) participante pesquisado(a), individual ou coletivamente, de caráter voluntário, vedada qualquer forma de remuneração.

II.11 - Consentimento livre e esclarecido - anuência do sujeito da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, formulada em um termo de consentimento, autorizando sua participação voluntária na pesquisa.

II.12 - Indenização - cobertura material, em reparação a dano imediato ou tardio, causado pela pesquisa ao ser humano a ela submetida.

II.13 - Ressarcimento - cobertura, em compensação, exclusiva de despesas decorrentes da participação do sujeito na pesquisa.

II.14 - Comitês de Ética em Pesquisa-CEP - colegiados interdisciplinares e independentes, com "munus público", de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

II.15 - Vulnerabilidade - refere-se a estado de pessoas ou grupos que, por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido.

II.16 - Incapacidade - Refere-se ao possível sujeito da pesquisa que não tenha capacidade civil para dar o seu consentimento livre e esclarecido, devendo ser assistido ou representado, de acordo com a legislação brasileira vigente.

III - ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

As pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas e científicas fundamentais.

III.1 - A eticidade da pesquisa implica em:

a) consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (**autonomia**). Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade;

b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (**beneficência**), comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;

c) garantia de que danos previsíveis serão evitados (**não maleficência**);

d) relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (**justiça e equidade**).

III.2- Todo procedimento de qualquer natureza envolvendo o ser humano, cuja aceitação não esteja ainda consagrada na literatura científica, será considerado como pesquisa e, portanto, deverá obedecer às diretrizes da presente Resolução. Os procedimentos referidos incluem entre outros, os de natureza instrumental, ambiental, nutricional, educacional, sociológica, econômica, física, psíquica ou biológica, sejam eles farmacológicos, clínicos ou cirúrgicos e de finalidade preventiva, diagnóstica ou terapêutica.

III.3 - A pesquisa em qualquer área do conhecimento, envolvendo seres humanos deverá observar as seguintes exigências:

a) ser adequada aos princípios científicos que a justifiquem e com possibilidades concretas de responder a incertezas;

b) estar fundamentada na experimentação prévia realizada em laboratórios, animais ou em outros fatos científicos;

c) ser realizada somente quando o conhecimento que se pretende obter não possa ser obtido por outro meio;

d) prevalecer sempre as probabilidades dos benefícios esperados sobre os riscos previsíveis;

e) obedecer a metodologia adequada. Se houver necessidade de distribuição aleatória dos sujeitos da pesquisa em grupos experimentais e de controle, assegurar que, *a priori*, não seja possível estabelecer as vantagens de um procedimento sobre outro através de revisão de literatura, métodos observacionais ou métodos que não envolvam seres humanos;

f) ter plenamente justificada, quando for o caso, a utilização de placebo, em termos de não maleficência e de necessidade metodológica;

g) contar com o consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa e/ou seu representante legal;

h) contar com os recursos humanos e materiais necessários que garantam o bem-estar do sujeito da pesquisa, devendo ainda haver adequação entre a competência do pesquisador e o projeto proposto;

i) prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico - financeiro;

j) ser desenvolvida preferencialmente em indivíduos com autonomia plena. Indivíduos ou grupos vulneráveis não devem ser sujeitos de pesquisa quando a informação desejada possa ser obtida através de sujeitos com plena autonomia, a menos que a investigação possa trazer benefícios diretos aos vulneráveis. Nestes casos, o direito dos indivíduos ou grupos que queiram participar da pesquisa deve ser assegurado, desde que seja garantida a proteção à sua vulnerabilidade e incapacidade legalmente definida;

l) respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidades;

m) garantir que as pesquisas em comunidades, sempre que possível, traduzir-se-ão em benefícios cujos efeitos continuem a se fazer sentir após sua conclusão. O projeto deve analisar as necessidades de cada um dos membros da comunidade e analisar as diferenças presentes entre eles, explicitando como será assegurado o respeito às mesmas;

n) garantir o retorno dos benefícios obtidos através das pesquisas para as pessoas e as comunidades onde as mesmas forem realizadas. Quando, no interesse da comunidade, houver benefício real em incentivar ou estimular mudanças de costumes ou comportamentos, o protocolo de pesquisa deve incluir, sempre que possível, disposições para comunicar tal benefício às pessoas e/ou comunidades;

o) comunicar às autoridades sanitárias os resultados da pesquisa, sempre que os mesmos puderem contribuir para a melhoria das condições de saúde da coletividade, preservando, porém, a imagem e assegurando que os sujeitos da pesquisa não sejam estigmatizados ou percam a auto-estima;

p) assegurar aos sujeitos da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;

q) assegurar aos sujeitos da pesquisa as condições de acompanhamento, tratamento ou de orientação, conforme o caso, nas pesquisas de rastreamento; demonstrar a preponderância de benefícios sobre riscos e custos;

r) assegurar a inexistência de conflito de interesses entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa ou patrocinador do projeto;

s) comprovar, nas pesquisas conduzidas do exterior ou com cooperação estrangeira, os compromissos e as vantagens, para os sujeitos das pesquisas e para o Brasil, decorrentes de sua realização. Nestes casos deve ser identificado o pesquisador e a instituição nacionais co-responsáveis pela pesquisa. O protocolo deverá observar as exigências da Declaração de Helsinque e incluir documento de aprovação, no país de origem, entre os apresentados para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição brasileira, que exigirá o cumprimento de seus próprios referenciais éticos. Os estudos patrocinados do exterior também devem responder às necessidades de treinamento de pessoal no Brasil, para que o país possa desenvolver projetos similares de forma independente;

t) utilizar o material biológico e os dados obtidos na pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo;

u) levar em conta, nas pesquisas realizadas em mulheres em idade fértil ou em mulheres grávidas, a avaliação de riscos e benefícios e as eventuais interferências sobre a fertilidade, a gravidez, o embrião ou o feto, o trabalho de parto, o puerpério, a lactação e o recém-nascido;

v) considerar que as pesquisas em mulheres grávidas devem ser precedidas de pesquisas em mulheres fora do período gestacional, exceto quando a gravidez for o objetivo fundamental da pesquisa;

- x) propiciar, nos estudos multicêntricos, a participação dos pesquisadores que desenvolverão a pesquisa na elaboração do delineamento geral do projeto; e
- z) descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que a aprovou.

IV - CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

IV.1 - Exige-se que o esclarecimento dos sujeitos se faça em linguagem acessível e que inclua necessariamente os seguintes aspectos:

- a) a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa;
- b) os desconfortos e riscos possíveis e os benefícios esperados;
- c) os métodos alternativos existentes;
- d) a forma de acompanhamento e assistência, assim como seus responsáveis;
- e) a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia, informando a possibilidade de inclusão em grupo controle ou placebo;
- f) a liberdade do sujeito se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;
- g) a garantia do sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa;
- h) as formas de ressarcimento das despesas decorrentes da participação na pesquisa; e
- i) as formas de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

IV.2 - O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:

- a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
- b) ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que referenda a investigação;
- c) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
- d) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

IV.3 - Nos casos em que haja qualquer restrição à liberdade ou ao esclarecimento necessário para o adequado consentimento, deve-se ainda observar:

- a) em pesquisas envolvendo crianças e adolescentes, portadores de perturbação ou doença mental e sujeitos em situação de substancial diminuição em suas capacidades de consentimento, deverá haver justificação clara da escolha dos sujeitos da pesquisa, especificada no protocolo, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e cumprir as exigências do consentimento livre e esclarecido, através dos representantes legais dos referidos sujeitos, sem suspensão do direito de informação do indivíduo, no limite de sua capacidade;
- b) a liberdade do consentimento deverá ser particularmente garantida para aqueles sujeitos que, embora adultos e capazes, estejam expostos a condicionamentos específicos ou à influência de autoridade, especialmente

estudantes, militares, empregados, presidiários, internos em centros de readaptação, casas-abrigo, asilos, associações religiosas e semelhantes, assegurando-lhes a inteira liberdade de participar ou não da pesquisa, sem quaisquer represálias;

c) nos casos em que seja impossível registrar o consentimento livre e esclarecido, tal fato deve ser devidamente documentado, com explicação das causas da impossibilidade, e parecer do Comitê de Ética em Pesquisa;

d) as pesquisas em pessoas com o diagnóstico de morte encefálica só podem ser realizadas desde que estejam preenchidas as seguintes condições:

- documento comprobatório da morte encefálica (atestado de óbito);
- consentimento explícito dos familiares e/ou do responsável legal, ou manifestação prévia da vontade da pessoa;
- respeito total à dignidade do ser humano sem mutilação ou violação do corpo;
- sem ônus econômico financeiro adicional à família;
- sem prejuízo para outros pacientes aguardando internação ou tratamento;
- possibilidade de obter conhecimento científico relevante, novo e que não possa ser obtido de outra maneira;

e) em comunidades culturalmente diferenciadas, inclusive indígenas, deve-se contar com a anuência antecipada da comunidade através dos seus próprios líderes, não se dispensando, porém, esforços no sentido de obtenção do consentimento individual;

f) quando o mérito da pesquisa depender de alguma restrição de informações aos sujeitos, tal fato deve ser devidamente explicitado e justificado pelo pesquisador e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa. Os dados obtidos a partir dos sujeitos da pesquisa não poderão ser usados para outros fins que os não previstos no protocolo e/ou no consentimento.

V - RISCOS E BENEFÍCIOS

Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. O dano eventual poderá ser imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade.

V.1 - Não obstante os riscos potenciais, as pesquisas envolvendo seres humanos serão admissíveis quando:

a) oferecerem elevada possibilidade de gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afete o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos;

b) o risco se justifique pela importância do benefício esperado;

c) o benefício seja maior, ou no mínimo igual, a outras alternativas já estabelecidas para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento.

V.2 - As pesquisas sem benefício direto ao indivíduo, devem prever condições de serem bem suportadas pelos sujeitos da pesquisa, considerando sua situação física, psicológica, social e educacional.

V.3 - O pesquisador responsável é obrigado a suspender a pesquisa imediatamente ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, conseqüente à mesma, não previsto no termo de consentimento. Do mesmo modo, tão logo constatada a superioridade de um método em estudo sobre outro, o projeto deverá ser suspenso, oferecendo-se a todos os sujeitos os benefícios do melhor regime.

V.4 - O Comitê de Ética em Pesquisa da instituição deverá ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo.

V.5 - O pesquisador, o patrocinador e a instituição devem assumir a responsabilidade de dar assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos.

V.6 - Os sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização.

V.7 - Jamais poderá ser exigido do sujeito da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. O formulário do consentimento livre e esclarecido não deve conter nenhuma ressalva que afaste essa responsabilidade ou que implique ao sujeito da pesquisa abrir mão de seus direitos legais, incluindo o direito de procurar obter indenização por danos eventuais.

VI - PROTOCOLO DE PESQUISA

O protocolo a ser submetido à revisão ética somente poderá ser apreciado se estiver instruído com os seguintes documentos, em português:

VI.1 - folha de rosto: título do projeto, nome, número da carteira de identidade, CPF, telefone e endereço para correspondência do pesquisador responsável e do patrocinador, nome e assinaturas dos dirigentes da instituição e/ou organização;

VI.2 - descrição da pesquisa, compreendendo os seguintes itens:

- a)** descrição dos propósitos e das hipóteses a serem testadas;
- b)** antecedentes científicos e dados que justifiquem a pesquisa. Se o propósito for testar um novo produto ou dispositivo para a saúde, de procedência estrangeira ou não, deverá ser indicada a situação atual de registro junto a agências regulatórias do país de origem;
- c)** descrição detalhada e ordenada do projeto de pesquisa (material e métodos, casuística, resultados esperados e bibliografia);
- d)** análise crítica de riscos e benefícios;
- e)** duração total da pesquisa, a partir da aprovação;
- f)** explicitação das responsabilidades do pesquisador, da instituição, do promotor e do patrocinador;
- g)** explicitação de critérios para suspender ou encerrar a pesquisa;
- h)** local da pesquisa: detalhar as instalações dos serviços, centros, comunidades e instituições nas quais se processarão as várias etapas da pesquisa;
- i)** demonstrativo da existência de infra-estrutura necessária ao desenvolvimento da pesquisa e para atender eventuais problemas dela resultantes, com a concordância documentada da instituição;
- j)** orçamento financeiro detalhado da pesquisa: recursos, fontes e destinação, bem como a forma e o valor da remuneração do pesquisador;
- l)** explicitação de acordo preexistente quanto à propriedade das informações geradas, demonstrando a inexistência de qualquer cláusula restritiva quanto à divulgação pública dos resultados, a menos que se trate de caso de obtenção de patenteamento; neste caso, os resultados devem se tornar públicos, tão logo se encerre a etapa de patenteamento;
- m)** declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não; e
- n)** declaração sobre o uso e destinação do material e/ou dados coletados.

VI.3 - informações relativas ao sujeito da pesquisa:

- a)** descrever as características da população a estudar: tamanho, faixa etária, sexo, cor (classificação do IBGE), estado geral de saúde, classes e grupos sociais, etc. Expor as razões para a utilização de grupos vulneráveis;

- b) descrever os métodos que afetem diretamente os sujeitos da pesquisa;
- c) identificar as fontes de material de pesquisa, tais como espécimens, registros e dados a serem obtidos de seres humanos. Indicar se esse material será obtido especificamente para os propósitos da pesquisa ou se será usado para outros fins;
- d) descrever os planos para o recrutamento de indivíduos e os procedimentos a serem seguidos. Fornecer critérios de inclusão e exclusão;
- e) apresentar o formulário ou termo de consentimento, específico para a pesquisa, para a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, incluindo informações sobre as circunstâncias sob as quais o consentimento será obtido, quem irá tratar de obtê-lo e a natureza da informação a ser fornecida aos sujeitos da pesquisa;
- f) descrever qualquer risco, avaliando sua possibilidade e gravidade;
- g) descrever as medidas para proteção ou minimização de qualquer risco eventual. Quando apropriado, descrever as medidas para assegurar os necessários cuidados à saúde, no caso de danos aos indivíduos. Descrever também os procedimentos para monitoramento da coleta de dados para prover a segurança dos indivíduos, incluindo as medidas de proteção à confidencialidade; e
- h) apresentar previsão de ressarcimento de gastos aos sujeitos da pesquisa. A importância referente não poderá ser de tal monta que possa interferir na autonomia da decisão do indivíduo ou responsável de participar ou não da pesquisa.

VI.4 - qualificação dos pesquisadores: "Curriculum vitae" do pesquisador responsável e dos demais participantes.

VI.5 - termo de compromisso do pesquisador responsável e da instituição de cumprir os termos desta Resolução.

VII - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA-CEP

Toda pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa.

VII.1 - As instituições nas quais se realizem pesquisas envolvendo seres humanos deverão constituir um ou mais de um Comitê de Ética em Pesquisa- CEP, conforme suas necessidades.

VII.2 - Na impossibilidade de se constituir CEP, a instituição ou o pesquisador responsável deverá submeter o projeto à apreciação do CEP de outra instituição, preferencialmente dentre os indicados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/MS).

VII.3 - Organização - A organização e criação do CEP serão da competência da instituição, respeitadas as normas desta Resolução, assim como o provimento de condições adequadas para o seu funcionamento.

VII.4 - Composição - O CEP deverá ser constituído por colegiado com número não inferior a 7 (sete) membros. Sua constituição deverá incluir a participação de profissionais da área de saúde, das ciências exatas, sociais e humanas, incluindo, por exemplo, juristas, teólogos, sociólogos, filósofos, bioeticistas e, pelo menos, um membro da sociedade representando os usuários da instituição. Poderá variar na sua composição, dependendo das especificidades da instituição e das linhas de pesquisa a serem analisadas.

VII.5 - Terá sempre caráter multi e transdisciplinar, não devendo haver mais que metade de seus membros pertencentes à mesma categoria profissional, participando pessoas dos dois sexos. Poderá ainda contar com consultores "ad hoc", pessoas pertencentes ou não à instituição, com a finalidade de fornecer subsídios técnicos.

VII.6 - No caso de pesquisas em grupos vulneráveis, comunidades e coletividades, deverá ser convidado um representante, como membro "ad hoc" do CEP, para participar da análise do projeto específico.

VII.7 - Nas pesquisas em população indígena deverá participar um consultor familiarizado com os costumes e tradições da comunidade.

VII.8 - Os membros do CEP deverão se isentar de tomada de decisão, quando diretamente envolvidos na pesquisa em análise.

VII.9 - Mandato e escolha dos membros - A composição de cada CEP deverá ser definida a critério da instituição, sendo pelo menos metade dos membros com experiência em pesquisa, eleitos pelos seus pares. A escolha da coordenação de cada Comitê deverá ser feita pelos membros que compõem o colegiado, durante a primeira reunião de trabalho. Será de três anos a duração do mandato, sendo permitida recondução.

VII.10 - Remuneração - Os membros do CEP não poderão ser remunerados no desempenho desta tarefa, sendo recomendável, porém, que sejam dispensados nos horários de trabalho do Comitê das outras obrigações nas instituições às quais prestam serviço, podendo receber ressarcimento de despesas efetuadas com transporte, hospedagem e alimentação.

VII.11 - Arquivo - O CEP deverá manter em arquivo o projeto, o protocolo e os relatórios correspondentes, por 5 (cinco) anos após o encerramento do estudo.

VII.12 - Liberdade de trabalho - Os membros dos CEPs deverão ter total independência na tomada das decisões no exercício das suas funções, mantendo sob caráter confidencial as informações recebidas. Deste modo, não podem sofrer qualquer tipo de pressão por parte de superiores hierárquicos ou pelos interessados em determinada pesquisa, devem isentar-se de envolvimento financeiro e não devem estar submetidos a conflito de interesse.

VII.13 - Atribuições do CEP:

a) revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, inclusive os multicêntricos, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas;

b) emitir parecer consubstanciado por escrito, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, identificando com clareza o ensaio, documentos estudados e data de revisão. A revisão de cada protocolo culminará com seu enquadramento em uma das seguintes categorias:

- aprovado;

- com pendência: quando o Comitê considera o protocolo como aceitável, porém identifica determinados problemas no protocolo, no formulário do consentimento ou em ambos, e recomenda uma revisão específica ou solicita uma modificação ou informação relevante, que deverá ser atendida em 60 (sessenta) dias pelos pesquisadores;

- retirado: quando, transcorrido o prazo, o protocolo permanece pendente;

- não aprovado; e

- aprovado e encaminhado, com o devido parecer, para apreciação pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa -CONEP/MS, nos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c.

c) manter a guarda confidencial de todos os dados obtidos na execução de sua tarefa e arquivamento do protocolo completo, que ficará à disposição das autoridades sanitárias;

d) acompanhar o desenvolvimento dos projetos através de relatórios anuais dos pesquisadores;

e) desempenhar papel consultivo e educativo, fomentando a reflexão em torno da ética na ciência;

f) receber dos sujeitos da pesquisa ou de qualquer outra parte denúncias de abusos ou notificação sobre fatos adversos que possam alterar o curso normal do estudo, decidindo pela continuidade, modificação ou suspensão da pesquisa, devendo, se necessário, adequar o termo de consentimento. Considera-se como antiética a pesquisa descontinuada sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou;

g) requerer instauração de sindicância à direção da instituição em caso de denúncias de irregularidades de natureza ética nas pesquisas e, em havendo comprovação, comunicar à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP/MS e, no que couber, a outras instâncias; e

h) manter comunicação regular e permanente com a CONEP/MS.

VII.14 - Atuação do CEP:

a) A revisão ética de toda e qualquer proposta de pesquisa envolvendo seres humanos não poderá ser dissociada da sua análise científica. Pesquisa que não se faça acompanhar do respectivo protocolo não deve ser analisada pelo Comitê.

b) Cada CEP deverá elaborar suas normas de funcionamento, contendo metodologia de trabalho, a exemplo de: elaboração das atas; planejamento anual de suas atividades; periodicidade de reuniões; número mínimo de presentes para início das reuniões; prazos para emissão de pareceres; critérios para solicitação de consultas de *experts* na área em que se desejam informações técnicas; modelo de tomada de decisão, etc.

VIII - COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA (CONEP/MS)

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP/MS é uma instância colegiada, de natureza consultiva, deliberativa, normativa, educativa, independente, vinculada ao Conselho Nacional de Saúde.

O Ministério da Saúde adotará as medidas necessárias para o funcionamento pleno da Comissão e de sua Secretaria Executiva.

VIII.1 - Composição: A CONEP terá composição multi e transdisciplinar, com pessoas de ambos os sexos e deverá ser composta por 13 (treze) membros titulares e seus respectivos suplentes, sendo 05 (cinco) deles personalidades destacadas no campo da ética na pesquisa e na saúde e 08 (oito) personalidades com destacada atuação nos campos teológico, jurídico e outros, assegurando-se que pelo menos um seja da área de gestão da saúde. Os membros serão selecionados, a partir de listas indicativas elaboradas pelas instituições que possuem CEP registrados na CONEP, sendo que 07 (sete) serão escolhidos pelo Conselho Nacional de Saúde e 06 (seis) serão definidos por sorteio. Poderá contar também com consultores e membros "ad hoc", assegurada a representação dos usuários.

VIII.2 - Cada CEP poderá indicar duas personalidades.

VIII.3 - O mandato dos membros da CONEP será de quatro anos com renovação alternada a cada dois anos, de sete ou seis de seus membros.

VIII.4 - Atribuições da CONEP - Compete à CONEP o exame dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, bem como a adequação e atualização das normas atinentes. A CONEP consultará a sociedade sempre que julgar necessário, cabendo-lhe, entre outras, as seguintes atribuições:

a) estimular a criação de CEPs institucionais e de outras instâncias;

b) registrar os CEPs institucionais e de outras instâncias;

c) aprovar, no prazo de 60 dias, e acompanhar os protocolos de pesquisa em áreas temáticas especiais tais como:

1- genética humana;

2- reprodução humana;

3- fármacos, medicamentos, vacinas e testes diagnósticos novos (fases I, II e III) ou não registrados no país (ainda que fase IV), ou quando a pesquisa for referente a seu uso com modalidades, indicações, doses ou vias de administração diferentes daquelas estabelecidas, incluindo seu emprego em combinações;

4- equipamentos, insumos e dispositivos para a saúde novos, ou não registrados no país;

5- novos procedimentos ainda não consagrados na literatura;

6- populações indígenas;

7- projetos que envolvam aspectos de biossegurança;

8- pesquisas coordenadas do exterior ou com participação estrangeira e pesquisas que envolvam remessa de material biológico para o exterior; e

9- projetos que, a critério do CEP, devidamente justificado, sejam julgados merecedores de análise pela CONEP;

d) prover normas específicas no campo da ética em pesquisa, inclusive nas áreas temáticas especiais, bem como recomendações para aplicação das mesmas;

e) funcionar como instância final de recursos, a partir de informações fornecidas sistematicamente, em caráter *ex-officio* ou a partir de denúncias ou de solicitação de partes interessadas, devendo manifestar-se em um prazo não superior a 60 (sessenta) dias;

f) rever responsabilidades, proibir ou interromper pesquisas, definitiva ou temporariamente, podendo requisitar protocolos para revisão ética inclusive, os já aprovados pelo CEP;

g) constituir um sistema de informação e acompanhamento dos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos em todo o território nacional, mantendo atualizados os bancos de dados;

h) informar e assessorar o MS, o CNS e outras instâncias do SUS, bem como do governo e da sociedade, sobre questões éticas relativas à pesquisa em seres humanos;

i) divulgar esta e outras normas relativas à ética em pesquisa envolvendo seres humanos;

j) a CONEP juntamente com outros setores do Ministério da Saúde, estabelecerá normas e critérios para o credenciamento de Centros de Pesquisa. Este credenciamento deverá ser proposto pelos setores do Ministério da Saúde, de acordo com suas necessidades, e aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde; e

l) estabelecer suas próprias normas de funcionamento.

VIII.5 - A CONEP submeterá ao CNS para sua deliberação:

a) propostas de normas gerais a serem aplicadas às pesquisas envolvendo seres humanos, inclusive modificações desta norma;

b) plano de trabalho anual;

c) relatório anual de suas atividades, incluindo sumário dos CEP estabelecidos e dos projetos analisados.

IX - OPERACIONALIZAÇÃO

IX.1 - Todo e qualquer projeto de pesquisa envolvendo seres humanos deverá obedecer às recomendações desta Resolução e dos documentos endossados em seu preâmbulo. A responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

IX.2 - Ao pesquisador cabe:

- a) apresentar o protocolo, devidamente instruído ao CEP, aguardando o pronunciamento deste, antes de iniciar a pesquisa;
- b) desenvolver o projeto conforme delineado;
- c) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- d) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- e) manter em arquivo, sob sua guarda, por 5 anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos recomendados pelo CEP;
- f) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- g) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

IX.3 - O Comitê de Ética em Pesquisa institucional deverá estar registrado junto à CONEP/MS.

IX.4 - Uma vez aprovado o projeto, o CEP passa a ser co-responsável no que se refere aos aspectos éticos da pesquisa.

IX.5 - Consideram-se autorizados para execução, os projetos aprovados pelo CEP, exceto os que se enquadrarem nas áreas temáticas especiais, os quais, após aprovação pelo CEP institucional deverão ser enviados à CONEP/MS, que dará o devido encaminhamento.

IX.6 - Pesquisas com novos medicamentos, vacinas, testes diagnósticos, equipamentos e dispositivos para a saúde deverão ser encaminhados do CEP à CONEP/MS e desta, após parecer, à Secretaria de Vigilância Sanitária.

IX.7 - As agências de fomento à pesquisa e o corpo editorial das revistas científicas deverão exigir documentação comprobatória de aprovação do projeto pelo CEP e/ou CONEP, quando for o caso.

IX.8 - Os CEP institucionais deverão encaminhar trimestralmente à CONEP/MS a relação dos projetos de pesquisa analisados, aprovados e concluídos, bem como dos projetos em andamento e, imediatamente, aqueles suspensos.

X. DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

X.1 - O Grupo Executivo de Trabalho-GET, constituído através da Resolução CNS 170/95, assumirá as atribuições da CONEP até a sua constituição, responsabilizando-se por:

- a) tomar as medidas necessárias ao processo de criação da CONEP/MS;
- b) estabelecer normas para registro dos CEP institucionais;

X.2 - O GET terá 180 dias para finalizar as suas tarefas.

X.3 - Os CEP das instituições devem proceder, no prazo de 90 (noventa) dias, ao levantamento e análise, se for o caso, dos projetos de pesquisa em seres humanos já em andamento, devendo encaminhar à CONEP/MS, a relação dos mesmos.

X.4 - Fica revogada a Resolução 01/88.

ADIB D. JATENE

Presidente do Conselho Nacional de Saúde

Homologo a Resolução CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996, nos termos do Decreto de Delegação de Competência de 12 de novembro de 1991.

ADIB D. JATENE

Ministro de Estado da Saúde

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)